

Crenças Fundamentais da Igreja de Deus Unida

uma Associação Internacional

Crenças Fundamentais da Igreja de Deus Unida

uma Associação Internacional

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.
É um serviço educacional de interesse público, publicada
pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 1998, 2003, 2022 Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*

Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos.

Este guia de estudo bíblico apresenta primeiramente um sumário
de cada crença fundamental da Constituição da Igreja de Deus Unida,
uma Associação Internacional.

Para obter mais materiais de estudo sobre esse assunto acesse [www.
revistaboanova.org](http://www.revistaboanova.org).

Prefácio

Quando a Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*, foi constituída em 1995, vinte crenças fundamentais foram identificadas, documentadas e aprovadas pelo ministério da Igreja como parte de seu sistema administrativo. Consideramos que o ensino dessas crenças é fundamental para edificar sobre o fundamento correto de uma reverência adequada à Palavra de Deus, especialmente como revelada por Jesus Cristo (ver Isaías 66:2; Provérbios 1:7; 1 Coríntios 3:11).

Essas vinte declarações de crenças originais, algumas com pequenas edições para maior clareza do assunto, são apresentadas nas páginas a seguir—cada uma delas aparecendo como um parágrafo resumido no início de um breve capítulo sobre a questão específica abordada. O material suplementar em cada capítulo fornece mais explicações e esclarecimentos.

As crenças da Igreja não se limitam às que estão listadas aqui. Este guia de estudo bíblico não é uma compilação doutrinária abrangente, mas um amplo resumo dos ensinamentos da Igreja. As declarações de crença e as extensões que as acompanham neste guia não constituem uma exposição completa de nossos ensinamentos sobre os temas aqui abordados. Pedimos aos leitores interessados que baixem ou solicitem os guias de estudo bíblicos listados ao final de cada seção para uma explicação mais detalhada desses ensinamentos, que têm total respaldo nas escrituras. Mais informações sobre os tópicos abordados neste guia também podem ser encontradas em nosso site www.revistaboanova.org.

Explicações de outros ensinamentos da Igreja de Deus Unida podem ser encontradas em outras publicações e artigos publicados. Todo esse material está disponível em nosso site. Você também pode solicitar qualquer exemplar de nossos guia de estudo bíblico que serão enviados gratuitamente pelo correio.

Caso tenha perguntas ou queira contatar com um de nossos ministros, não hesite em entrar em contato conosco através de nosso site www.revistaboanova.org ou pelo endereço IDU Brasil, Caixa Postal 2027, CEP 38400-983, Uberlândia-MG.

Índice

Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo	4
A Palavra de Deus	8
Satanás, o Diabo	10
A Humanidade	12
A Lei de Deus e o Pecado	16
O Sacrifício de Jesus Cristo	20
Três Dias e Três Noites	22
O Arrependimento e a Fé	25
O Batismo na Água e a Imposição de Mãos	28
O Dia de Sábado	29
A Páscoa	31
As Festas Santas de Deus	34
As Leis Alimentícias de Deus	38
O Serviço Militar e a Guerra	41
As Promessas da Aliança Abraâmica	43
O Propósito de Deus Para a Humanidade	46
A Igreja	49
O Dízimo	55
As Ressurreições e o Julgamento Eterno	57
O Retorno de Jesus Cristo e o Reino Vindouro	61

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC). Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referida com as seguintes abreviações:

ARA – Almeida Revista e Atualizada
ACF – Almeida Corrigida Fiel
BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
NVI – Nova Versão Internacional

Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo

Cremos num único Deus, o Pai, que é um Espírito e tem existência eterna, é um Ser pessoal que possui suprema inteligência, sabedoria, amor, justiça, poder e autoridade. Ele, através de Jesus Cristo, é o Criador dos céus e da terra e de tudo o que neles existe. Deus é a Origem de toda a vida e Aquele para quem a vida humana existe. Cremos num Senhor, Jesus Cristo de Nazaré, que é o Verbo e que tem existido eternamente. Cremos que Ele é o Messias, o Cristo, o Filho divino do Deus vivente, concebido pelo Espírito Santo e nascido em carne humana pela virgem Maria. Cremos que foi por meio d'Ele que Deus criou todas as coisas, e que sem Ele nada do que se fez seria feito. Cremos no Espírito Santo como sendo o Espírito de Deus e de Cristo. O Espírito Santo é o poder de Deus e o Espírito da vida eterna (2 Timóteo 1:7; Efésios 4:6; 1 Coríntios 8:6; João 1:1-4; Colossenses 1:16).

A existência de um Deus Criador de incomensurável poder e inteligência é tão óbvia no universo ao nosso redor que o ateísmo, descrença em Deus, tornou-se uma negação da realidade: “Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, Seu eterno poder e Sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis” (Romanos 1:20, Nova Versão Internacional). Contudo, muitos detalhes sobre os atributos de Deus requerem revelação adicional.

Cremos que Deus é espírito (João 4:24), existindo em um reino diferente daquele dos seres humanos, que são carne. “Assim como os céus são mais altos do que a terra”, assim os Seus caminhos e pensamentos são mais altos que os nossos (Isaías 55:9). Portanto, nosso entendimento e percepção de Deus devem basear-se na revelação divina à humanidade por meio de Sua Palavra escrita, a Bíblia, ou as Escrituras Sagradas.

A Bíblia revela que Deus é o Soberano do universo, existindo supremamente acima de tudo. Deus é eterno e de caráter imutável, todo-poderoso, onisciente e onipresente (Deuteronômio 33:27; Isaías 57:15; Malaquias 3: 6; Tiago 1:17; Jó 42:2; Jeremias 32:17; Salmo 147:5; 1 João 3:20; 2 Crônicas 2:6; Jeremias 23:23-24).

As escrituras revelam ainda Deus como sendo dois Seres divinos distintos—Deus, o “Pai” e Jesus Cristo, Seu “Filho”. (A forma hebraica de Jesus Cristo é *Yeshua*, o *Messias*. O título *Messias* ou *Cristo*—significa literalmente “Ungido”—diz respeito a governante da linhagem do rei Davi, que está

profetizado para servir como o principal representante divino na restauração da glória de Israel e do domínio da justiça no mundo).

Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento contêm referências a mais de um personagem divino (Salmos 110: 1, por exemplo, citado em Atos 2:29-36). Novamente, o Novo Testamento os identifica como Deus, o Pai, e Jesus Cristo, o Filho (1 Coríntios 8:6). O Filho também é chamado Deus (Hebreus 1:8-9).

Portanto, como Pai e Filho, o Deus único é uma *família* divina. A distinção entre esses dois Seres, que existem juntos como Deus, está implícito desde o início nas Escrituras (Gênesis 1:1), onde se usa a palavra hebraica *Elohim*. (*Elohim* é a forma plural da palavra hebraica para Deus, *Eloah*). Havia comunicação entre esses dois desde o início, como pode ser visto no exemplo de Gênesis 1:26, onde os pronomes *Nós* (“façamos”) e *Nossa* se referem a *Elohim*.

O Antigo Testamento se concentra no Deus de Israel, que se identifica como “EU SOU” e “o SENHOR, o Deus...de Abraão...de Isaque e...de Jacó” (Êxodo 3:14-15). (A palavra SENHOR aqui é usada no lugar da palavra hebraica *YHWH*, que, como “EU SOU”, aparentemente denota existência eterna e autossuficiente).

Em João 8:58, Cristo se refere a Si mesmo como “Eu Sou”. Portanto, Aquele que os israelitas conheciam como Deus, que os libertou do Egito e os acompanhou no deserto, foi mais tarde conhecido no Novo Testamento como Jesus Cristo (1 Coríntios 10:4). A existência Daquele a quem Cristo se referia como “o Pai” não era bem compreendido por muitos antes da vinda de Cristo—embora Ele, às vezes, tivesse sido mencionado especificamente no Antigo Testamento.

Jesus Cristo é chamado de o “Verbo” que “estava *com* Deus” no princípio e também é identificado como “Deus” (João 1:1-2). Todas as coisas foram criadas por meio d'Ele (versículos 3, 10; Efésios 3:9 [versão ACF]; Colossenses 1:16; Hebreus 1:1-3), e mais tarde Ele se tornou carne e habitou entre os seres humanos (João 1:14).

Enquanto estava na carne, o Verbo divino foi esvaziado de Sua glória e poder divinos, tornando-se plenamente humano—capaz de ser tentado a pecar (isto é, desobedecer a Deus), mas nunca pecou (Filipenses 2:5-8; Hebreus 2:14, 17; 4:15). Como homem, Jesus disse que Seu poder de realizar milagres não vinha de Si mesmo, mas de Deus Pai (João 5:30; 14:10).

O relacionamento entre o Verbo e o Pai é definido mais claramente no Novo Testamento, onde mostra que Jesus veio em carne como Filho de Deus e atuou como porta-voz do Pai (João 8:28; 12:49-50; 14:10), revelando o Pai aos Seus discípulos (Mateus 11:25-27).

O Pai “deu o Seu Filho unigênito” em sacrifício como o “Cordeiro de Deus” para perdão de nossos pecados. Depois disso, Jesus foi exaltado pelo Pai à glória que Eles compartilharam antes que o mundo existisse (João 3:16; 1:29; 17:5). (Ver capítulos intitulados “O Sacrifício de Jesus Cristo” e “A Páscoa”, começando nas páginas 20 e 31).

O Novo Testamento enfatiza a unidade entre o “Pai” e o “Filho”, mas deixa clara a distinção entre os dois em diversas escrituras (ver, por exemplo, João 20:17; Romanos 15:6). Como observado acima, Deus “tudo criou por meio de Jesus Cristo” (Efésios 3:9, ACF).

Como seres distintos, o Pai e o Filho ambos têm um corpo espiritual glorioso (João 4:24; 1 Coríntios 15:45; Filipenses 3:21). Esses corpos espirituais têm forma e aspecto, como visto por Moisés, pois ele viu a “forma do SENHOR” (Números 12:8, ARA; ver também Êxodo 33:18-23). Deus como espírito não é visível aos seres humanos (Colossenses 1:15; 1 Timóteo 1:17)—a menos que se manifeste sobrenaturalmente.

Contudo, quando Deus aparece ou se mostra em visão, Ele tem “a semelhança de um homem” (Ezequiel 1:26), embora brilhante e radiante, sendo também da “semelhança da glória do SENHOR” (versículo 28; ver também Apocalipse 1:12-16). Os seres humanos foram moldados segundo a forma de Deus em um nível físico (Gênesis 1:26-27; 5:1-3).

O relacionamento entre o Pai e o Filho demonstra o modo de vida perfeito e eterno do amor de Deus—que demonstra preocupação pelos outros. Deus é a personificação do amor (1 João 4:8, 16). O Pai sempre amou o Filho, e o Filho sempre amou o Pai (João 17:4, 20-26). A harmonia entre o Pai e o Filho é uma singularidade de mente e propósito, que Jesus Cristo pediu ao Pai que proporcione isso a ambos, Ele mesmo e o Pai, e também aos Seus discípulos, (João 17:20-23).

A palavra “Deus”, conforme usada na Bíblia, pode se referir ao Pai (por exemplo, Atos 13:33; Gálatas 4:6), a Jesus Cristo, o Filho (por exemplo, Isaías 9:6; João 1:1, 14) ou a ambos (por exemplo, Romanos 8:9), dependendo do contexto das escrituras.

O poder que procede de Deus é chamado de Espírito de Deus ou Espírito Santo (Isaías 11:2; Lucas 1:35; Atos 1:8; 10:38; 2 Coríntios 1:22; 2 Timóteo 1:7). E é através deste Espírito que Deus está presente em todos os lugares ao mesmo tempo (Salmos 139:7-10).

O Espírito Santo de Deus não é identificado como a terceira pessoa de uma trindade, mas ele é mostrado nas Escrituras como o poder de Deus, a mente de Deus e a própria essência e força de vida de Deus, através da qual o Pai gera os seres humanos como Seus filhos espirituais. O Espírito Santo é dado às pessoas que realmente se arrependem e são batizadas (Atos 2:38).

Esse Espírito também é “a garantia da nossa herança até a redenção daqueles que pertencem a Deus” (Efésios 1:14, NVI), através da ressurreição dos justos à vida eterna quando Jesus Cristo retornar (1 Tessalonicenses 4:16). Esse Espírito faz com que aqueles que o recebem sejam “filhos de Deus” na família divina e compartilhem a natureza divina (Romanos 8:16; 2 Pedro 1:4).

Os seres humanos também são chamados *elohim* ou “deuses” nas Escrituras, em referência ao principal propósito de nossa criação (Salmos 82:6; João 10:34-36). Deus está em um processo de expansão de Sua família divina, além do Pai e do Filho. A passagem de Efésios 3:14-15 se refere ao “Pai de nosso

Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome”.

Jesus é chamado de “primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29). Os seres humanos têm o maravilhoso potencial de entrar na família de Deus e serem transformados em seres semelhantes ao Pai e Cristo (Romanos 8:14, 19; João 1:12; 1 João 3:1-2). (Ver capítulos intitulados “A Humanidade” e “O Propósito de Deus para a Humanidade”, começando nas páginas 12 e 46).

Deus quer que O conheçamos para que possamos ter confiança nEle e amá-Lo. Ele revelou muito sobre Si mesmo através dos nomes, títulos e descrições que revelou àqueles com quem interagiu em épocas passadas.

Muitas escrituras revelam que Deus possui suprema inteligência, poder, glória e sabedoria (Gênesis 14:19, 22; 16:13; Salmos 29:3; 47:2; Isaías 55:8-9; 1 Timóteo 1:17; Judas 25); que Ele personifica toda a justiça, perfeição e verdade (Deuteronômio 32:4; 2 Coríntios 13:11); que Ele possui os céus e a terra (Gênesis 14:19, 22; Atos 17:24); que Ele é imortal (Gênesis 21:33; 1 Timóteo 1:17) e que é digno de todo louvor (Salmos 18:3; Apocalipse 4:11).

Deus é quem nos cura (Êxodo 15:26), Ele é nosso provedor (Gênesis 22:14; 1 Timóteo 6:13, 17; Tiago 1:5, 17), escudo (Gênesis 15:1; Salmos 59:11), defesa (Salmos 18:2; 94:22), conselheiro (Isaías 28:29), mestre (Salmo 25:4-5, 9; Isaías 48:17), legislador (Isaías 33:22; Tiago 4:12), juiz (Gênesis 18:25; Salmos 50:6), força (Salmos 18:2; 28: 7; 59:17) e salvação (Salmos 27:1, 9; 68:20).

Ele é fiel, misericordioso, generoso, paciente, gentil, justo e compassivo (Êxodo 34:5-7; Deuteronômio 7:9). Deus ouve nossas orações (Salmos 6:9; 34:17; 65:2), Ele entra em um relacionamento de aliança conosco (Deuteronômio 29:12; Daniel 9:4), Ele é nosso refúgio em tempos de dificuldades (Salmos 9:9), Ele nos dá conhecimento (Salmos 94:10) e deseja nos dar imortalidade para que possamos compartilhar a vida eterna com Ele em Sua família e Reino (João 3:16; Lucas 12:32).

Além de ser Deus, o Filho e nosso irmão mais velho na família de Deus, Jesus Cristo também é o Cabeça vivo e ativo da Igreja de Deus (Efésios 5:23; Colossenses 1:18), nosso principal Apóstolo (Hebreus 3:1) e Sumo Pastor (1 Pedro 5:4). Como nosso Salvador pessoal, Ele vive dentro dos cristãos arrependidos através do Espírito Santo (comparar Gálatas 2:20; João 14:23; 1 João 3:24). Ele está sentado à direita de Deus Pai no céu como nosso Sumo Sacerdote (Hebreus 3:1; 4:14-15; 6:20), Intercessor (Romanos 8:34) e Advogado (1 João 2:1). E aguardamos Seu retorno como Rei dos Reis e Senhor dos Senhores para governar todas as nações e servir como Juiz supremo sob o Pai (Apocalipse 11:15; 17:14; 19: 15-16; João 5:22, 27; 2 Coríntios 5:10). (Ver capítulo intitulado “O Retorno de Jesus Cristo e o Reino Vindouro”, começando na página 61).

(Para mais detalhes, baixe ou solicite nossos guias de estudo bíblicos gratuitos: *A Questão Fundamental da Vida: Deus Existe?, Quem é Deus?, Jesus Cristo: A Verdadeira História e Porque Você Nasceu?*).

A Palavra de Deus

Creemos que as Escrituras, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, são a revelação de Deus e a Sua completa e expressa vontade para a humanidade. Toda a Escritura é inspirada em pensamento e palavra, infalível em seus textos originais; é a autoridade suprema e definitiva da fé e da vida; e também é o fundamento de toda a verdade (2 Timóteo 3:16; 2 Pedro 1:20-21; João 10:35; 17:17).

O Antigo e o Novo Testamento estão unificados na revelação do plano de salvação de Deus e na elaboração desse plano na história humana. A Bíblia inteira revela os atos da intervenção misericordiosa de Deus para salvar e levar a humanidade à vida eterna em Sua família. A forma de escrita dos livros da Bíblia reflete a personalidade, o estilo e o vocabulário dos escritores humanos. Contudo, eles a escreveram movidos pelo Espírito Santo (2 Pedro 1:21). Deste modo, Deus influenciou e dirigiu as mentes de Seus servos, ao mesmo tempo em que lhes permitia ter livre expressão enquanto escreviam os livros conhecidos como a Palavra de Deus.

As Escrituras Sagradas são a base do conhecimento e da verdade que Jesus e os apóstolos usaram como texto básico para ensinar o caminho de Deus para a salvação. Primeiro e acima de tudo, Jesus Cristo deu o exemplo de seguir as Escrituras como o texto de autoridade definitiva na vida de um cristão. Ao combater com êxito a última tentação do inimigo, Satanás, o Diabo, Cristo declarou: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4:4; Lucas 4:4; Deuteronômio 8:3). Cristo também citou outras escrituras durante sua batalha contra o diabo (Mateus 4:7, 10).

Então, Jesus iniciou Seu ministério terrestre lendo as Escrituras e declarando: “Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos” (Lucas 4:16-21). Em João 10:35, Cristo proclamou que “a Escritura não pode ser anulada”. Ele se referia às Escrituras como uma fonte efetiva e autorizada em Sua vida (João 7:38, 42). Nada distraiu Cristo de Seu foco nas Escrituras—nem a traição nem a crucificação (João 13:18; 17:12; 19:28; Mateus 27:46; Salmos 22:1; Lucas 23:46; Salmos 31:5).

Os apóstolos seguiram o exemplo de Cristo. O núcleo da fé, da doutrina e da conduta cristã continuou a ser definida pelas Escrituras. Jesus Cristo ressuscitado retomou Sua instrução pessoal a Seus discípulos quando “abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lucas 24:32, 44-45). E foi através das Escrituras que eles começaram a fazer discípulos em todas as nações, como no exemplo do eunuco etíope (Atos 8:26-35).

Paulo, o apóstolo escolhido para levar o nome de Cristo aos gentios (não

israelitas) e aos israelitas (Atos 9:15), recorreu à autoridade das Escrituras fazendo perguntas como “Que diz a Escritura?” (Romanos 4:3; 11:2; Gálatas 4:30). Em outras ocasiões, Paulo ratificava sua posição em assuntos particulares declarando: “Porque a Escritura diz...” ou através de declarações semelhantes (Romanos 10:11; Gálatas 3:8, 22; 1 Timóteo 5:18). Os escritos de Paulo mostram que ele citou ou se referiu repetidamente às passagens do Antigo Testamento para sustentar seus ensinamentos. Sem dúvida, o Antigo e o Novo Testamento foram escritos para ambos os cristãos judeus e gentios.

Existe uma linha de continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento (Mateus 4:4; 2 Timóteo 3:15-16). O Novo Testamento se baseia e amplia o Antigo Testamento (Mateus 5-7). A história mostra que a única Escritura que existia durante o ministério de Cristo e nas primeiras décadas dos apóstolos era a que hoje chamamos de Antigo Testamento.

As principais características do povo de Deus dizem respeito a ler, ouvir e praticar a Palavra de Deus (Lucas 8:21; 11:28). A Palavra de Deus edifica a fé na vida de uma pessoa (Romanos 10:17; Colossenses 3:16). Deus espera que Seu povo estude diligentemente Sua Palavra regularmente para entender e ser edificado e também para se resguardar de uma sociedade ímpia (Atos 17:11; Efésios 6:17; 1 João 2:14; Salmos 119: 9). A internalização da Palavra de Deus permite defender a fé (1 Pedro 3:15). As Escrituras Sagradas podem tornar alguém “sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus” (2 Timóteo 3:15).

A Bíblia é ativa e tem aplicação atemporal em nossa vida diária (Hebreus 4:12). Paulo, enquanto encarcerado, lembrou a Timóteo que, embora o homem possa ser contido, a Palavra de Deus não pode refreada (2 Timóteo 2:8-9).

A Igreja de Deus obedece a ordem bíblica de confiar na Palavra de Deus na busca pela verdade. Conforme declarado em 2 Timóteo 3:16, a Palavra inspirada de Deus estabelece o ensino (doutrina), refuta o erro, aplica correção e dá instruções sobre a maneira correta de viver. O próximo versículo diz que através dela “o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (versículo 17).

A verdade da Bíblia não apenas ensina e guia o povo de Deus, mas também o santifica ou o diferencia (João 17:17). A Bíblia atua como uma ferramenta essencial no relacionamento de Jesus Cristo com Seu povo santificado, Sua Igreja, “para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra” (Efésios 5:26).

As Escrituras pretendem nos levar a um relacionamento com Aquele que inspirou o que está escrito nelas—a Palavra do próprio Deus encarnado, Jesus Cristo, entregue em nome de Deus Pai (João 1:1-3, 14). (Ver capítulo intitulado “Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo”, começando na página 4.) Cristo disse às pessoas de Sua época: “Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de Mim testificam. E não quereis vir a Mim para terdes vida” (João 5:39-40).

Portanto, não basta somente ler e estudar a Bíblia—ou apenas tentar seguir algumas de suas diretrizes. Devemos ser levados a conhecer, servir e confiar no Deus revelado em suas páginas—o Pai, através de Seu Filho Jesus Cristo, a Palavra.

(Para mais informações, baixe ou solicite os guias de estudo bíblicos gratuitos *A Bíblia Merece Confiança?* e *Como Você Pode Entender a Bíblia*).

Satanás, o Diabo

Cremos que Satanás é um ser espiritual adversário de Deus e dos filhos de Deus; Satanás recebeu o domínio sobre o mundo por um tempo determinado; Satanás tem enganado a humanidade fazendo com que Deus e a Sua lei sejam rejeitados; Satanás tem governado mediante engano, com a ajuda de uma multidão de demônios que são anjos rebeldes, seres espirituais que seguiram a Satanás em sua rebelião (Mateus 4:1-11; Lucas 8:12; 2 Timóteo 2:26; João 12:31; 16:11; Apocalipse 12:4, 9; 20:1-3, 7, 10; Levítico 16:21-22; 2 Coríntios 4:4, 11:14; Efésios 2:2).

Antes do reino físico, Deus criou poderosos servos espirituais que são mencionados nas Escrituras como anjos, que significam literalmente “mensageiros” (Hebreus 1:7, 14). Descritos em alguns versículos como “filhos de Deus” em virtude de terem sido criados por Deus, eles testemunharam a formação da terra (Jó 38: 4-7).

Existem centenas de milhões de anjos justos servindo a Deus (Apocalipse 5:11). Mas um grande contingente de anjos se rebelou contra Deus antes da criação da humanidade. Eles escolheram o caminho da vaidade e do egoísmo, em vez do caminho de Deus, que transmite amor aos outros. (Ver capítulo intitulado “A Lei de Deus e o Pecado”, começando na página 16.) O líder dessa rebelião agora é conhecido como Satanás. Ele e seus cúmplices são referidos no Novo Testamento como espíritos imundos ou demônios.

Satanás é o adversário de Deus, pois o nome *Satanás* realmente significa “adversário” no hebraico do Antigo Testamento. A tradução grega da Septuaginta do Antigo Testamento apresenta essa palavra como *diabolos*, donde deriva a palavra *diabo*. Essa palavra significa “caluniador” e pode ter o sentido de acusador ou oponente num tribunal (comparar Zacarias 3:1). Esses termos hebraico e grego são usados no Novo Testamento.

O diabo se opõe a Deus continuamente em todas as oportunidades. Ele despreza o plano de Deus, particularmente Seu objetivo de trazer os seres

humanos para a família de Deus. Portanto, Satanás também odeia os seres humanos. Ele é o enganador e o acusador dos irmãos (Apocalipse 12:9-10). Ele é assassino, mentiroso e pai da mentira (João 8:44). Ele é descrito, figurativamente, como um leão que ruga buscando a quem devorar (1 Pedro 5:8).

Satanás não é um inimigo comum. Ele é um adversário extremamente engenhoso e astuto, cujo principal objetivo é impedir a salvação da humanidade, enganando e desencaminhando as pessoas, levando-as a pecar e a voltar-se contra Deus (Efésios 6:11-18; 2 Coríntios 2:11; Lucas 8:12).

Como demonstra o livro de Jó, Satanás pode agir somente dentro dos limites permitidos por Deus (Jó 1:12; 2:6). O relato de Jó também ilustra a atitude acusatória de Satanás e o descreve claramente como um ser real que tem personalidade própria. Como mostra o Novo Testamento, mais tarde, como um ser real, ele veio até Jesus Cristo com o intuito de tentá-Lo (Mateus 4:1-11).

Assim como as ações de Satanás são limitadas pela vontade de Deus, também seu tempo é limitado. Atualmente ele é “o governante deste mundo” (João 12:31; 14:30; 16:11) e também é descrito como “o deus desta era” (2 Coríntios 4:4, NVI), mas seu reinado chegará ao fim na sétima e última trombeta quando Jesus Cristo retornar (1 Coríntios 15:52; 1 Tessalonicenses 4:16; Apocalipse 11:15).

Então, satanás será removido e preso durante o reinado milenar do Messias, mas, após isso, ele será libertado por um curto período de tempo (Apocalipse 20:1-3, 7-8). Depois disso, ele será afastado permanentemente quando for “lançado no lago de fogo e enxofre” (versículo 10), que está “preparado para o diabo e seus anjos” (Mateus 25:41).

Satanás foi criado como um anjo de alta posição e autoridade. Em Isaías 14:12, ele é chamado em hebraico de *Heylel*, seguido pela distinção “filho da alva”. A tradução em latim desse nome aqui é *Lúcifer*, um nome para o planeta Vênus quando este aparece como uma estrela da manhã, que significa “portador da luz”. Entretanto, algumas versões traduzem essas palavras como “brilhante estrela da manhã”, “estrela brilhante” ou “luzeiro” (Bíblia na Linguagem de Hoje, Nova Versão Transformadora, Bíblia Reina Valera em Português).

Mencionado em Ezequiel 28 como o “rei de Tiro”, ele é o poder invisível por trás do governo dos reinos terrenos. A princípio, esse ser era um “querubim ungido para proteger” (versículos 14, 16), sendo um dos dois seres angélicos cujas asas ficavam estendidas sobre o trono de Deus, como representado na Arca da Aliança (ver Êxodo 25:20-21; Hebreus 9:23-24; Apocalipse 11:19). Evidentemente, ele tinha uma posição pelo menos igual a Miguel, um “arcanjo” e “grande príncipe” (Judas 9; Daniel 12:1).

Lúcifer foi criado perfeito e irrepreensível, mas acabou escolhendo o caminho do pecado e da rebelião (Ezequiel 28:12, 15, 17). Aparentemente, um terço dos anjos o seguiu em sua insurreição e, juntamente, tentaram destronar Deus, mas eles foram derrotados e lançados na Terra (Apocalipse

12:4; Lucas 10:18; Isaías 14:12-15; 2 Pedro 2:4) agora o reino de Satanás é caracterizado por trevas, não por luz, embora ele possa se apresentar, enganosamente, como um anjo de luz (Lucas 22:53; Efésios 6:12; Colossenses 1:13; 2 Coríntios 11:14).

Sob determinadas circunstâncias, o diabo e seus demônios são capazes de possuir e controlar seres humanos e até animais (Mateus 8:28-33; 9:32-34). O próprio Satanás possuiu Judas, o traidor (Lucas 22:3). Cristo, cuja autoridade é maior que a de Satanás, expulsou demônios durante Seu ministério na Terra e deu poder a Seus servos, devidamente ordenados, para fazer o mesmo (Marcos 16:17).

Satanás é referido por diferentes nomes e definições, que ressaltam algumas de suas funções, características e atitudes malignas. Além do nome “diabo”, ele também é chamado de *Abadom* e *Apoliom*, que significa respectivamente “destruidor” e “destruição”, (Apocalipse 9:11); Belial, que significa “desprezível” ou “iníquo” (2 Coríntios 6:15); Belzebu, o nome de um deus filisteu que significa “Senhor das moscas” (Mateus 12:24-27, comparar 2 Reis 1); o grande dragão e antiga serpente (Apocalipse 12:9); o tentador (Mateus 4:3; 1 Tessalonicenses 3:5); e o príncipe das potestades do ar (Efésios 2:2).

(Para mais informações, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *Existe Realmente Um Diabo?*)

A Humanidade

Cremos que a humanidade foi criada à imagem de Deus com o potencial de se tornar filhos de Deus, compartilhando Sua natureza divina. Deus criou a humanidade de carne, que é uma substância material. Os seres humanos vivem pelo fôlego da vida, são mortais, sujeitos à corrupção e à decadência, sem vida eterna, exceto para aqueles que a receberem como um dom de Deus ao se submeter aos termos e às condições divinas expressas na Bíblia. Cremos que Deus colocou diante de Adão e Eva a escolha da vida eterna pela obediência a Deus ou morte pelo pecado. Adão e Eva cederam às tentações e desobedeceram a Deus. Como resultado disso, o pecado entrou no mundo e através do pecado, a morte. Agora a morte reina sobre toda a humanidade porque todos têm pecado (Gênesis 1:26; 2 Pedro 1:4; Hebreus 9:27; 1 Coríntios 15:22; Romanos 5:12; 6:23).

O primeiro capítulo da Bíblia Sagrada revela que Deus criou homens e mulheres à Sua imagem e semelhança (Gênesis 1:26-27). Portanto, é importante entender o contexto desse fato. Quase seis mil anos atrás,

em uma única semana, Deus preparou este mundo para os seres humanos viverem, conforme explicado no primeiro capítulo de Gênesis. E nos dias que antecederam à criação do homem, Deus criou diferentes formas de vida, cada uma delas para se reproduzir “segundo a sua espécie” (versículos 11-12, 21, 24-25).

Esse princípio contradiz o conceito comum da teoria da evolução—a ideia de que as criaturas evoluíram de uma espécie à outra. (Deus projetou o código genético para permitir mudanças limitadas dentro das espécies, mas não de uma espécie para outra).

Diversas vezes, após declarar que as criaturas deveriam se reproduzir segundo sua espécie, Deus disse que faria o homem à *Sua própria* imagem e semelhança (novamente, versículos 26-27). A implicação clara disso é que o homem foi criado segundo o “gênero de Deus”, por assim dizer, pois Deus pretendia se reproduzir através dos seres humanos. De fato, Gênesis 5:1-3 Deus compara a reprodução de Adão, o primeiro homem, à Sua própria semelhança quando diz Adão “gerou um filho à *sua* semelhança, conforme a *sua* imagem, e chamou o seu nome Sete”.

A humanidade foi, portanto, criada com um potencial realmente extraordinário. O futuro da humanidade, como explicado em outras partes das Escrituras, é entrar na família de Deus como Seus filhos (1 João 3:1-2; 2 Pedro 1:4; 2 Coríntios 6:18). Contudo, os seres humanos, como criaturas físicas de carne e osso, a princípio, foram criados em um nível muitíssimo inferior a Deus.

Pela maneira como foi criado, a “semelhança” do homem com Deus é bastante restrita—limitado a semelhanças comuns na aparência, sentimentos, pensamentos, habilidades, criatividade e capacidade de governar—ou seja, tudo em um sentido bem inferior a Deus. No entanto, Deus pretende que o homem termine compartilhando Sua glória divina, poder, inteligência, sabedoria e caráter justo e amoroso. (Ver capítulos intitulados “Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo” e “O Propósito de Deus Para a Humanidade”, começando das páginas 4 e 46).

O caráter do Deus Todo-Poderoso é perfeito. Ele é inerentemente bom e não pode pecar. E Deus deseja que Seus filhos sejam assim também. Contudo, até mesmo Deus, que é todo-poderoso, não pode criar um caráter perfeito nos seres humanos simplesmente por Seu próprio desejo. O desenvolvimento do caráter justo requer uma decisão consciente de um ser de livre-arbítrio que deve conduzir sua vida com base no conhecimento do que é moralmente certo e errado, escolhendo o que é certo e rejeitando o que é errado.

Novamente, quando Adão e Eva, nossos primeiros pais humanos, foram criados, eles receberam uma vida física, carnal e de duração limitada. “E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gênesis 2:7).

A palavra hebraica *nephesh*, traduzida como “alma” em Gênesis 2:7. Ela é usada quatro vezes no primeiro capítulo de Gênesis em relação a animais

(Gênesis 1:20, 21, 24, 30) e é traduzida como “corpo” na frase “corpo de um morto” em Números 6:6. Mais tarde, foi dito ao primeiro homem: “No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás” (Gênesis 3:19).

O livro bíblico da sabedoria conhecido como Eclesiastes contém esta exortação: “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma” (Eclesiastes 9:10, ARA; ver também versículo 5). Portanto, não há consciência na morte, que é comparada em outras passagens das Escrituras com o sono totalmente inconsciente (ver, por exemplo, João 11:11-14; 1 Coríntios 11:30; 15:51; 1 Tessalonicenses 4:13-14).

Os seres humanos são mortais, sujeitos a corrupção e decadência. Eles não possuem imortalidade na forma de uma “alma imortal”. Na verdade, eles *não têm* vida eterna. Uma oração bíblica declara: “Se eu morrer, se eu descer à cova, que vantagem haverá? Acaso o pó Te louvará? Proclamará a Tua fidelidade?” (Salmos 30:9, NVI). Outra escritura afirma: “Porque na morte não há lembrança de Ti; no sepulcro quem Te louvará?” (Salmos 6:5). (Ver capítulo intitulado “As Ressurreições e o Julgamento Eterno”, começando na página 57).

Os seres humanos têm um elemento espiritual em sua composição—o espírito humano (Jó 32:8; Zacarias 12:1). Esse espírito é que transmite intelecto ao cérebro humano, proporcionando à mente humana habilidades muito superiores a outras criaturas físicas: “Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está?” (1 Coríntios 2:11).

Após a morte, inconsciente e separado do corpo, esse espírito retorna a Deus (Eclesiastes 12:7). Em uma futura ressurreição, àqueles que morreram receberão de Deus esses espíritos de volta em novos corpos, assim voltarão à consciência inteligente com suas personalidades e memórias intactas.

A princípio, os seres humanos criados estão incompletos. Deus quer compartilhar com eles Sua própria natureza e permitir que se tornem Seus verdadeiros filhos espirituais. E isso somente é possível unindo o Espírito Santo com o espírito humano de cada pessoa (Romanos 8:16), proporcionando assim uma compreensão superior e piedosa, e a transmissão do caráter amoroso de Deus (1 Coríntios 2:10-16; Romanos 5:5). Através do Espírito Santo Deus nos transformará em seres que, ressuscitados ou transformados no retorno de Cristo, viverão com Ele para sempre (Romanos 8:11).

Deus deseja dar a todo ser humano o dom da vida eterna como membro de Sua família. A vida eterna não é algo que alguém possa ganhar. Entretanto, Deus não concederá esse precioso dom àquele que não se submeter voluntariamente a Ele e a Sua lei (1 Coríntios 6:9-10).

Na Bíblia, a vida eterna na família de Deus é chamada de *salvação*, pois aqueles que têm imortalidade nessa família nunca mais estarão sujeitos

à morte. Deus nos revela, através das Escrituras divinamente inspiradas, que a salvação não é concedida automaticamente a todo ser humano. Ele concederá essa bênção somente àqueles que estejam dispostos a obedecer-Lhe (Apocalipse 21:7-8).

Deus não tem nenhuma obrigação de dar a vida eterna aos seres humanos em Seu reino espiritual, mas sabemos que Deus é amor (1 João 4:8). Portanto, com uma preocupação altruísta e desinteressada, Ele criou um plano em que podemos receber a salvação, a maior bênção possível que um Criador amoroso pode conceder (Lucas 12:32).

Quando Deus criou Adão e Eva, Ele deu-lhes acesso à árvore da vida, símbolo da vida eterna (Gênesis 2:9; 3:22). E Ele ordenou que não comessem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, que simbolizava escolher e determinar, por conta própria e sem Deus, o que é certo e o que é errado.

Mas eles desobedeceram à ordem de Deus, e isso constitui pecado ou ilegalidade (1 João 3:4). E o pecado leva à morte (Gênesis 2:17; Ezequiel 18:4, 20; Romanos 6:23). Todo pecado prejudica o caráter daquele que o pratica. Cometer pecado prejudica tanto o pecador quanto a sociedade em geral. (Ver capítulo intitulado “A Lei de Deus e o Pecado”, a partir da página 16).

Adão e Eva, como todos os seres humanos, receberam liberdade de escolha e, sob a influência de Satanás, violaram o expresso mandamento de Deus (Gênesis 3:1-6). (Ver capítulo intitulado “Satanás, o Diabo”, começando na página 10). Assim, os primeiros seres humanos começaram a viver de uma maneira contrária à vontade de Seu amoroso Criador, colocando-se sob a pena de morte, a qual Deus já lhes havia advertido. Nenhum ser humano, exceto Jesus Cristo, o Filho de Deus, viveu uma vida sem pecados (Eclesiastes 7:20; Romanos 3:23; Hebreus 4:15).

Apesar da atitude pecaminosa do ser humano, o plano de Deus para a humanidade não foi frustrado. Em sua onisciente sabedoria e misericórdia, Deus providenciou um meio pelo qual os seres humanos podem ser reconciliados com Ele (João 3:16-17). As pessoas ainda podem desenvolver um caráter divino, que é um pré-requisito para receber o precioso dom divino da vida eterna como filhos de Deus (1 Coríntios 15:22; Gálatas 2:20). Mas, apesar dessa libertação providenciada por Deus, a morte reina sobre toda a humanidade porque todos pecaram (Romanos 5:12).

Deus deseja ver um relacionamento harmonioso—entre Ele e os seres humanos, e também entre os próprios seres humanos, entre indivíduos e povos. Mais uma vez, Deus está no processo de formar Sua grande família, que deve ser retratada pela família humana. E isso nós também vemos na sagrada instituição do casamento. Ao criar Adão, Deus disse que não era bom que ele ficasse sozinho (Gênesis 2:18). O homem precisava de companhia. Assim, Deus fez a mulher e estabeleceu o casamento (versículos 21-25)—uma parceria pactual entre um homem e uma mulher e Deus (Mateus 19:4-6; Malaquias 2:14).

O relacionamento matrimonial devia ser um modelo do relacionamento que Jesus Cristo acabaria tendo com a Igreja de Deus (Efésios 5:22-23). E Deus também declarou que o marido e a esposa são “um” para gerar filhos divinos (Malaquias 2:15). O casamento é um compromisso muito sério, salvaguardado na lei de Deus. (Consultar novamente o capítulo intitulado “A Lei de Deus e o Pecado”, começando na página 16).

(Para mais informações, baixe ou solicite nossos guias de estudo bíblicos gratuitos *Por Que Você Nasceu?, Criação ou evolução: Será que Realmente Importa em que Você Acredita?, O Que Acontece Depois da Morte?, O Céu e o Inferno: O que Realmente Ensina a Bíblia?* e *Casamento e Família: A Dimensão Perdida*).

A Lei de Deus e o Pecado

Cremos que o pecado é a transgressão da lei. A lei é espiritual, perfeita, santa, justa, e boa. A lei define o amor de Deus e está baseada nos dois grandes princípios de amor para com Deus e com o próximo. Ela é imutável e obrigatória. Os dez mandamentos são os dez pontos da lei de amor de Deus. Cremos que a violação de qualquer ponto da lei acarreta em uma pessoa a penalidade do pecado. Cremos que essa principal lei espiritual revela o único caminho para a verdadeira vida e é a única maneira possível de ter felicidade, paz e alegria. Toda a infelicidade, miséria, angústia, e aflição advêm da transgressão da lei de Deus (1 João 3:4; 5:3; Mateus 5:17-19; 19:17-19; 22:37-40; Tiago 2:10-11; Romanos 2:5-9; 7:12-14; 13:8-10).

Enfim, existem dois caminhos de vida. Um deles é o caminho da abnegação e da preocupação com os outros—ou seja, o caminho do amor e do interesse em doar-se e ajudar. Este é o caminho de Deus, que é a própria personificação do amor (1 João 4:8, 16). Seu caminho de vida para os seres humanos está codificado em Sua lei, que expressa esse amor (Romanos 13:10; 1 João 5:3).

E o oposto é o caminho da vaidade e do egoísmo—empenhar-se para satisfazer a si mesmo. Esse tipo de enfoque constitui violação da lei de Deus, que é pecado (1 João 3:4). Esse é o caminho de Satanás e dos demônios que o seguem, e também da humanidade. (Ver capítulo intitulado “Satanás, o Diabo”, começando na página 10).

Contudo, Deus criou os seres humanos para se tornarem membros de Sua família, sendo destinados a herdar a imortalidade e viver em um relacionamento harmonioso com Ele e entre si pela eternidade (Hebreus 2:6-13).

Enfim, para compartilhar essa eternidade com Deus, também devemos compartilhar Seu modo de pensar, concordar com Seu enfoque, abraçar Seu caminho de vida, apreciar e defender Seus valores, conforme expressos por Sua lei (Filipenses 2:5-13).

A revelação escrita de Deus para a humanidade, as Sagradas Escrituras, manifesta esse conhecimento essencial por meio de Suas leis e ensinamentos (2 Timóteo 3:15-17). E ela forma a base do relacionamento eterno que Deus deseja ter conosco. Portanto, é imperativo que qualquer pessoa que busque esse relacionamento definitivo com Deus atenda às diretrizes de Sua lei, conforme reveladas em Sua Palavra.

E, no âmbito do amplo princípio do amor, Jesus Cristo, em Mateus 22:37-40, resumiu a lei de Deus em dois grandes mandamentos do Antigo Testamento: “Amarás o Senhor, Teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento [citado de Deuteronômio 6: 5]. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo [citado de Levítico 19:18]. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas”.

Esses dois mandamentos resumem aquela delineação mais específica que encontra nos Dez Mandamentos (Êxodo 20; Deuteronômio 5). Os quatro primeiros mandamentos dizem respeito à demonstração de amor a Deus. Os últimos seis dizem respeito ao amor pelo próximo—ao semelhante. Devemos entender esses mandamentos também como princípios sintetizados, em vez de limitar cada um estritamente aos termos dos versículos em que estão listados.

Uma parte do propósito de Jesus em vir à Terra diz respeito a “engrandecer a lei” (Isaías 42:21, ARA). Um modo importante de fazer isso foi mostrando toda a intenção espiritual dos mandamentos de Deus—tanto por meio de Seus ensinamentos quanto por Seu perfeito exemplo de obediência.

Em seus ensinamentos, Jesus explicou que os mandamentos de Deus se aplicam muito além das simples letras da lei. Eles devem regular até nossos pensamentos. Por exemplo, Jesus explicou que a raiva injustificada contra alguém configura transgressão do sexto mandamento de Deus, que proíbe o assassinato, e o ato de cobiçar alguém que não seja o cônjuge significa cometer adultério no coração, que constitui uma violação do sétimo mandamento (Mateus 5:21-28).

Deus exige que obedeçamos ao espírito de cada um dos Dez Mandamentos. Começando com os quatro primeiros quanto ao amor a Deus, o Primeiro Mandamento proíbe adorar outros deuses, mas também significa que não devemos permitir que nada em nossas vidas esteja acima de Deus.

O Segundo Mandamento proíbe o culto a quaisquer representações físicas de Deus, como estátuas ou imagens de Cristo, mas também proíbe limitar Deus a alguma falsa imagem mental.

O Terceiro Mandamento diz que não devemos tomar o nome de Deus em vão, o que significa que devemos ter muito cuidado com a forma como

usamos Seu nome e também que não devemos desonrar a reputação de Deus pela maneira como vivemos.

O Quarto Mandamento, que diz respeito santificar o dia de Sábado, não trabalhando nele, também inclui o princípio de estruturar nossa semana de trabalho em torno dele e manter um foco espiritual ao longo do dia. (Ver capítulo intitulado “O Dia de Sábado”, começando na página 29).

Passando para os últimos seis Mandamentos, relativos a amar o próximo, o Quinto Mandamento nos diz para honrar nossos pais, o que inclui obedecê-los quando jovens, respeitar sua sabedoria quando adultos, cuidar deles quando estiverem idosos e não envergonhar o nome da família. (Nesse mandamento também está implícita a obrigação de os pais serem pessoas honradas).

O Sexto Mandamento, como já mencionado, proíbe assassinatos. Na letra da lei, isso significa não usurpar a prerrogativa de Deus de tirar a vida humana (pois somente Ele tem autoridade para fazer isso ou ordenar que outra pessoa o faça). Não devemos nos matar ou ajudar alguém a cometer suicídio, e não devemos cometer aborto. No espírito da lei, também não devemos odiar ou desvalorizar qualquer pessoa.

O Sétimo Mandamento proíbe o adultério e, em sua intenção espiritual, também proíbe quaisquer relações sexuais fora do casamento ou pensamentos sobre quaisquer relações ilícitas. Assim, toda a imoralidade sexual, inclusive o sexo antes do casamento e relações homossexuais está proibida, conforme detalhado em outra parte das leis de Deus.

O Oitavo Mandamento proíbe o roubo e, em seu espírito, inclui a salvaguarda do que pertence aos outros e incentiva o ganho honesto a fim de se compartilhar com os necessitados.

O Nono Mandamento, que proíbe o falso testemunho contra o próximo, em sua plena intenção inclui a proteção da reputação das outras pessoas e a exigência da total honestidade e integridade em todo o tipo de relações—sempre dizer a verdade.

E, finalmente, o Décimo Mandamento, que proíbe cobiçar o que pertence ao próximo, como está expresso na lei, mas ele também é um mandamento espiritual sobre os pensamentos da pessoa. Devemos nos abster de desejar o que não podemos obter legalmente.

Esses mandamentos ainda são apoiados e esclarecidos por outras leis e instruções das Escrituras. Na verdade, toda a Bíblia serve como lei revelada por Deus para nós, pois nos diz o que Ele exige de nós. Infelizmente, o homem rejeitou a lei de Deus já no início da história humana.

O pecado, a transgressão da lei, foi introduzido à humanidade no Jardim do Éden. Satanás mentiu para Adão e Eva sobre a árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 3:4; João 8:44). Ao contrário do que Satanás havia prometido, o primeiro homem e a primeira mulher morreram. Então, como descendentes, todos nós compartilhamos dessa situação comum de mortalidade (Hebreus 9:27).

Por isso, não é por acaso que a presença universal do pecado em todos os seres humanos (Romanos 3:23) está vinculada à morte e à retenção do dom de Deus, a vida eterna (Romanos 6:23).

A natureza disseminada do pecado e da morte é demonstrada pela tendência humana de ignorar e desobedecer à lei de Deus (Romanos 8: 7). Frequentemente, o autoengano acompanha esse afastamento das diretrizes perfeitas de Deus (Jeremias 17:9; 10:23). A influência de Satanás é inconfundível nesse padrão, tanto direta (Efésios 2:1-3) quanto indiretamente através daqueles que ele engana (2 Coríntios 11:13-15).

Ao se tornar adversário de Deus, por causa de sua rebelião, Satanás, ocultamente, recrutou a raça humana para sua batalha. Os seres humanos pecadores se tornam inimigos de Deus, pois todo pecado, além de seu efeito perverso sobre as pessoas, ele também é por definição uma oposição a Deus (Gênesis 39:9; Salmos 51:4).

A violação de qualquer uma das instruções de Deus é pecado (1 João 5:17), mas também é pecado omitir o que se deve fazer (Tiago 4:17) ou violar a consciência (Romanos 14:23). Além disso, o pecado é um poder escravizador do qual precisamos de redenção e libertação (Romanos 7:23-25). Ademais, não temos poder para realizar essa redenção por conta própria (1 Pedro 1:18-19).

Visto que o pecado, de qualquer forma, causa afastamento de Deus (Isaías 59:1-3; Efésios 4:17-19) e, eventualmente, a morte, nenhuma quantidade de obediência, após essa conduta, pode reverter seu efeito, mesmo que seja a obediência esperada. Somente o perfeito sacrifício de Jesus Cristo nos proporciona essa libertação (Hebreus 2:14-15) e nos reconcilia com Deus. (Ver capítulos intitulados “O Sacrifício de Jesus Cristo” e “O Arrependimento e a Fé”, começando nas páginas 20 e 25).

Por meio do perdão do pecado, disponível pela graça de Deus (Romanos 3:24), um cristão encontra a liberdade ao obedecer à lei de Deus (Tiago 1:21-25). Em vez de sermos escravos do pecado pela desobediência, servimos a Deus pela obediência e seguimos o caminho que Ele deseja, sendo conduzidos à vida eterna em Seu Reino por Seu dom generoso e imerecido (Romanos 6:16-23).

Retornar a antiga vida de pecados é um assunto sério aos olhos de Deus (2 Pedro 2:20-22). Aliás, o único pecado que não pode ser perdoado é a recusa voluntária e totalmente consciente de se arrepender, rejeitando completamente a Deus e o sacrifício de Jesus Cristo, por quem é possível o perdão dos pecados (Hebreus 6:4-6; 10:26-31).

Esse pecado é descrito por Cristo como “blasfêmia contra o Espírito” (Mateus 12:31), ou seja, uma rejeição total e consciente do poder e da autoridade de Deus. Depois que todo ser humano tiver tido uma oportunidade completa de salvação, aqueles que ainda não se arrependerem serão destruídos (Apocalipse 20:14-15), cumprindo assim a pena máxima do pecado, a segunda morte. (Ver capítulo intitulado “As Ressurreições e o Julgamento Eterno”, começando na página 57.)

Embora toda pessoa seja responsável por seu próprio pecado (Ezequiel 18:4, 20), Satanás, o diabo, é identificado como o tentador, o enganador da humanidade e o responsável por levar a humanidade ao pecado (Mateus 4:3; 1 Tessalonicenses 3:5; Apocalipse 12:9; 20:1-3). (Mais uma vez, consulte o capítulo intitulado “Satanás, o Diabo”, começando na página 10).

(Para mais informações, baixe ou solicite os guias de estudo bíblicos gratuitos *Os Dez Mandamentos* e *A Nova Aliança: Será que a Lei de Deus foi Abolida?*).

O Sacrifício de Jesus Cristo

Cremos que Deus amou tanto o mundo de pecadores impotentes que deu Seu Filho unigênito, que mesmo sendo tentado em todos os aspectos, semelhantermente a nós, viveu sem pecado na carne humana. Esse Filho, Jesus Cristo, morreu como sacrifício pelos pecados da humanidade. Pelo fato de ser o criador de toda a humanidade, Sua vida vale muito mais do que todas as vidas humanas. Por isso, Sua morte é suficiente para pagar a pena dos pecados de todos os seres humanos. Ao pagar essa pena, segundo o plano de Deus para todos os seres humanos, Ele tornou possível que os pecados deles fossem perdoados e que fossem libertados da pena de morte (Hebreus 4:15; 9:15; 10:12; João 1:18; 3:16; Colossenses 1:16-17, 22; 1 João 2:2; 4:10; Efésios 1:11; Apocalipse 13:8).

Jesus Cristo é o ponto focal do cristianismo. Como declara Atos 4:12: “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”. O perdão dos pecados e, finalmente, o dom da vida eterna somente estão disponíveis através de sacrifício. Nós somos reconciliados com Deus pela morte de Cristo, mas salvos por Sua vida (Romanos 5:9-10).

As Escrituras se referem a Jesus Cristo por diversos títulos distintos, incluindo o Verbo de Deus (João 1:1, 14; Apocalipse 19:13, ARA), nosso Salvador (1 João 4:14), nosso Sumo Sacerdote (Hebreus 9:11), nosso Senhor (Apocalipse 22:21), o Filho de Deus (Apocalipse 2:18; 1 João 5:5), nossa Páscoa (1 Coríntios 5:7), o Filho do Homem (Apocalipse 14:14) e Rei dos Reis e Senhor dos Senhores (Apocalipse 19:16). (Ver capítulo intitulado “Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo”, começando na página 4).

Cristo é nosso Salvador e sacrifício definitivo pelos pecados. Embora sendo

Deus, Jesus se tornou um ser humano para sofrer e morrer pelos pecados da humanidade (Filipenses 2:5-7; Hebreus 2:9). Como Filho do Homem, Ele era humano no mais pleno sentido da palavra, e capaz de sofrer as tribulações da vida humana (Hebreus 4:15) para sentir mais empatia conosco como nosso misericordioso Sumo Sacerdote (Hebreus 2:17).

Como nosso Salvador, Cristo entregou Sua vida para que pudéssemos viver. Jesus sofreu uma morte horrível, como nossa Páscoa (prenunciada pelo sacrifício do cordeiro pascal no Antigo Testamento), para que possamos entender quão trágico é o pecado e o significado monumental de Seu sacrifício, que Ele fez por todo ser humano. Ele foi “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29; comparar Apocalipse 5:6, 12; 7:14; 12:11). (Ver capítulo intitulado “A Páscoa”, começando na página 31).

O pecado, a transgressão da lei de Deus (1 João 3:4), é realmente horrível. A desobediência à lei de Deus trouxe dor e miséria incalculáveis, bem como seu castigo final, a morte (Romanos 6:23). (Ver capítulo intitulado “A Lei de Deus e o Pecado”, começando na página 16).

Jesus viveu uma vida perfeita, portanto, não merecia a excruciante agonia que experimentou ou a pena de morte que Lhe impuseram. Contudo, desde a fundação do mundo, Ele foi predestinado a sofrer e morrer pelos pecados da humanidade. Embora Cristo tenha sido acusado de violar a lei de Deus em mais de uma ocasião, Ele, como o sacrifício perfeito pelos pecados, nunca transgrediu a lei de Deus.

Aceitar o sacrifício de Cristo é essencial para nossa salvação. Ao modelarmos nossa vida segundo a dEle, figurativamente, “tomamos nossa cruz” e O seguimos (Lucas 14:27), e isso inclui a disposição de sofrer e ser perseguido segundo Seu exemplo (1 Pedro 2:19-23). Agradecemos a Deus Pai por ter entregado Seu Filho Jesus Cristo para ser o sacrifício perfeito para toda a humanidade (João 3:16; Romanos 8:32).

Todo pecado pode ser perdoado mediante o arrependimento e a aceitação do sacrifício de Cristo. (Ver capítulo intitulado “O Arrependimento e a Fé”, começando na página 25). O perdão dos pecados requer um sacrifício supremo—a morte de Jesus Cristo. Sua crucificação há quase dois mil anos foi essencial para o plano de redenção e salvação de Deus.

Através de Seu sacrifício, Jesus sofreu a pena máxima pelo pecado—a morte—e, se aceitarmos Seu sacrifício em contínuo arrependimento, nos libertou da morte certa (Hebreus 2:9; 9:15). Além de dedicar Sua vida para cuidar dos outros, Jesus, através de um angustiante tormento que sofreu até o fim, também suportou as outras consequências do pecado—a dor e o sofrimento.

Isaías 53:4 começa dizendo: “Verdadeiramente, Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre Si”. Mateus 8:17 traduz isso: “Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças”. E Isaías 53:5 conclui: “O castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e, pelas Suas pisaduras, fomos sarados”. Então, Jesus suportou a barbárie e a penúria

almejando nossa libertação do sofrimento, inclusive através da cura.

Embora Deus não tenha removido imediatamente todo o sofrimento, como também ainda não removeu a morte dentre nós, de vez em quando, Ele nos trará alívio agora se confiarmos fielmente nEle—como, por exemplo, ser curado de uma doença pela unção (Tiago 5:13-16). Temos a promessa de Deus de que um dia a morte e o sofrimento vão deixar de existir (1 Coríntios 15:54; Romanos 8:18; Apocalipse 21:4).

Ao entender e aceitar o sacrifício de Jesus Cristo em arrependimento e fé, nós podemos estar seguros de que nossos pecados foram perdoados. Assim, podemos avançar confiantemente em nossas vidas cristãs, sabendo que através desse sacrifício é possível nos reconciliar com o Pai.

Como resultado dessa reconciliação, podemos desenvolver um relacionamento com nosso Pai, que oferece esperança e segurança para o nosso futuro. Podemos experimentar a cura hoje em dia. Também podemos esperar a vida eterna no Reino de Deus como um dom da graça de Deus por causa desse tremendo sacrifício que Jesus e o Pai fizeram voluntariamente por cada um de nós.

(Para mais informações, baixe ou solicite nossos guias de estudo bíblicos gratuitos *Jesus Cristo: A Verdadeira História, Quem é Deus?* e *As Festas Santas de Deus: O Plano de Deus Para a Humanidade*).

Três Dias e Três Noites

Cremos que o Pai ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos, depois que Seu corpo ficou três dias e três noites na sepultura, tornando possível a imortalidade para o homem mortal. Posteriormente, Ele ascendeu ao céu, onde agora está sentado à direita de Deus Pai como nosso Sumo Sacerdote e Advogado (1 Pedro 1:17-21; 3:22; Mateus 12:40; 1 Coríntios 15:53; 2 Timóteo 1:10; João 20:17; Hebreus 8:1; 12:2).

A ressurreição de Jesus Cristo foi um dos eventos mais dramáticos, encorajadores e gratos de todos os tempos. Deus Pai ressuscitou Seu Filho, Jesus, que foi morto e posto em uma tumba fora dos muros de Jerusalém. A morte voluntária de Jesus, que foi permitida pelo Pai (João 10:17-18), pagou a pena pelos pecados de todos os seres humanos que já viveram, mas com a condição de que realmente se arrependam desses pecados. Sua morte foi predestinada pelo próprio Pai desde a fundação do mundo como uma parte necessária da salvação da humanidade (1 Pedro 1:20).

Deus, em Sua soberana justiça, misericórdia e amor, tornou possível

que todos os seres humanos tivessem seus pecados perdoados (mediante arrependimento e fé) e se reconciassem com Ele pelo sangue de Cristo como o Cordeiro de Deus (Mateus 26:28; Apocalipse 12:11). (Ver capítulos intitulados “O Sacrifício de Jesus Cristo” e “O Arrependimento e a Fé”, começando nas páginas 20 e 25). Mas a morte de Jesus não encerra esse assunto. Nós somos reconciliados com Deus pela morte de Jesus, mas somos salvos por Sua vida (Romanos 5:10).

Somente através da ressurreição de Cristo à imortalidade poderíamos ter um Salvador vivo que, como Sumo Sacerdote, intercede por nós junto ao Pai (1 Timóteo 2:5; Hebreus 4:15-16; Romanos 8:26-27). E o fato de Jesus Cristo ter ressuscitado dos mortos dá aos seres humanos uma razão muito convincente para crer no evangelho do Reino de Deus e crer que também podem ser trazidos de volta da morte (1 Coríntios 15:14-19). A ressurreição de Cristo proporciona aos seres humanos uma base sólida para viver na esperança de que eles também podem herdar a vida eterna (1 Pedro 1:3).

Jesus afirmou que permaneceria no túmulo apenas por um curto período de tempo como o único sinal divino que daria àquela geração, provando que Ele era “maior que Jonas” e “maior que Salomão” e que Sua mensagem deveria levar seus ouvintes ao arrependimento (Mateus 12:39-42). Ele disse que ficaria três dias e três noites—um período de 72 horas (João 11:9-10; Gênesis 1:5)—no coração da terra (a sepultura), assim como o profeta Jonas havia ficado três dias e três noites na barriga daquele peixe (Jonas 1:17). Em outras passagens, Jesus disse que seria morto, “mas que, depois de três dias, ressuscitaria” (Marcos 8:31).

Um grande problema com a crença comum de hoje sobre o tempo da crucificação e da ressurreição é que não há três dias e três noites entre a tarde de sexta-feira e a manhã do domingo de Páscoa.

O peso da evidência bíblica e histórica nos leva a concluir:

- Que Jesus morreu na quarta-feira à tarde;
- Que Seu corpo foi colocado às pressas na tumba de José de Arimatéia, pouco antes do pôr do sol daquela mesma tarde—véspera de um Sábado anual (um dia de descanso sagrado), o primeiro dia dos Pães Asmos (João 19:30-31, 42; Marcos 15:42-46);
- E que o Pai ressuscitou Jesus perto do pôr do sol do Sábado (o fim do Sábado semanal), três dias e três noites após ser colocado na tumba, exatamente como Ele havia dito.

Essa explicação está coerente com os detalhes encontrados nas Escrituras. E não requer nenhum ajuste drástico de três dias e três noites entre a noite de sexta-feira e o nascer do sol da manhã de domingo, especulando sobre partes de dias e noites. Isso também harmoniza os relatos das mulheres e as especiarias funerárias encontradas em Marcos 16:1 e Lucas 23:56. No primeiro relato, as mulheres descansaram obedientemente no dia de Sábado *antes de comprar* as especiarias. E no segundo relato, elas prepararam as especiarias já adquiridas e *depois* descansaram no dia de Sábado.

Esses relatos se harmonizam quando entendemos que houve dois dias de Sábado durante aquela semana em questão. Jesus foi crucificado na Páscoa (Mateus 26:18-20; 1 Coríntios 5:7), que foi o dia de preparação para um Sábado que era “grande o dia” (Marcos 15:42; João 19:31). Esse grande dia foi o primeiro dia santo anual do calendário judaico, o Primeiro Dia dos Pães Asmos, que sempre caía no dia seguinte à Páscoa (Levítico 23:5-7). E era um Sábado anual, não um Sábado semanal. Os dias santos anuais também são chamados de “Sábados”, pois nenhum trabalho deveria ser realizado neles (versículos 7, 24, 32).

As mulheres esperaram até que terminasse esse dia de Sábado *anual*; então compraram e prepararam as especiarias; depois descansaram *novamente* no Sábado *semanal* de Deus; e, posteriormente, no domingo de manhã, foram ao túmulo para aplicar as especiarias no corpo de Jesus.

Elas visitaram o túmulo depois dos santos “Sábados” (no plural, como está no texto grego original de Mateus 28:1) daquela semana. O Sábado anual daquele ano ia do pôr do sol da quarta-feira ao pôr do sol da quinta-feira, e, como sempre, o Sábado semanal ia do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol de Sábado. Quando chegaram à tumba no domingo de manhã cedo, encontraram-na vazia e ouviram o anúncio do anjo de que Jesus estava vivo e já não estava ali (Marcos 16: 6).

Há evidências históricas e bíblicas que apontam para o ano 31 d.C. como sendo o tempo da crucificação e ressurreição de Cristo. Entre esses indicadores do tempo da crucificação estão o cumprimento da profecia de Daniel sobre a vinda do Messias (com uma contagem específica de anos em Daniel 9:24-26, a partir do decreto do rei persa Artaxerxes em Esdras 7), e uma análise meticulosa de três importantes eventos—a provável data do nascimento de Jesus, a idade em que começou Seu ministério e a duração de Seu ministério.

A Páscoa do ano em que Cristo morreu caiu no quarto dia da semana (do pôr do sol de terça-feira ao pôr do sol da quarta-feira), e naquele dia a morte de Jesus Cristo cumpria o papel dEle como o verdadeiro Cordeiro Pascal de Deus (1 Coríntios 5:7). O dia seguinte, do pôr do sol da quarta-feira até o pôr do sol da quinta-feira, era um Sábado anual sagrado.

Em resumo, cremos que Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, morreu por nossos pecados na Páscoa, foi sepultado por três dias e três noites (72 horas) e depois ressuscitou e, após isso, Ele passou um tempo em contato com os discípulos, logo ascendeu ao céu para sentar-se à direita do Pai, estabelecendo-se muito acima de todos os outros em poder, glória e honra (Efésios 1:19-23). (Ver capítulo intitulado “Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo”, começando na página 4).

(Para mais informações, baixe ou solicite nossos guias de estudo bíblicos gratuitos *Jesus Cristo: A Verdadeira História e Feriados Religiosos Ou Dias Santos: Será Que Importa Quais Dias Observamos?*).

O Arrependimento e a Fé

Cremos que todos aqueles que verdadeiramente se arrependem de seus pecados e se rendem de forma completa, obediente e espontânea a Deus e, pela fé, aceitam a Jesus Cristo como seu Salvador pessoal têm os seus pecados perdoados pelo ato da graça divina. Essas pessoas são justificadas e perdoadas da pena do pecado e recebem o Espírito Santo, que passa a residir literalmente dentro delas e as supre do amor divino, que por si só pode cumprir a lei e produzir a justiça. Elas são batizadas no Espírito e começam a participar do Corpo de Cristo, que é a Igreja de Deus. cremos em uma mudança verdadeira de vida e de atitude. Somente aqueles que tiverem dentro de si a presença do Espírito Santo, e sendo guiados por este, é que são de Cristo (Atos 2:38; 3:19; 5:29-32; 2 Coríntios 7:10; João 3:16; Efésios 1:7; 2:7-9; Romanos 3:21-26; 5:5; 6:6; 8:4, 9-10, 14; 13:10; Jeremias 33:8; João 14:16-17; 1 Coríntios 12:12-13; Filipenses 2:3-5).

O arrependimento de obras mortas e a fé em Deus estão listados em Hebreus 6:1 como parte do fundamento que, enfim, levará à perfeição e à vida eterna. Jesus Cristo estabeleceu um padrão importante em Sua pregação, quando incentivava os ouvintes a se arrepender e a crer (Marcos 1:15). O apóstolo Paulo também pregou o “arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (Atos 20:21, ARA).

Jesus ressaltou a importância do arrependimento quando afirmou duas vezes: “Se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis” (Lucas 13:3, 5). Deus exige que todos se arrependam (Atos 17:30; 2 Pedro 3:9). No primeiro sermão registrado na Igreja do Novo Testamento, Pedro disse ao povo para se arrepender (Atos 2:38).

Devemos nos arrepender do pecado, que é a transgressão da lei de Deus (1 João 3:4). O arrependimento vai além de um sentimento de comiseração ou de uma demonstração de remorso pelos erros do passado (2 Coríntios 7:8-11). O verdadeiro arrependimento envolve o reconhecimento de nossa natureza e sua oposição a Deus (Romanos 8:7). Também requer uma mudança, uma reviravolta completa e austera na vida da pessoa, abandonando imediatamente a prática do pecado—passar da desobediência para a obediência à lei de Deus.

Devemos parar de seguir o caminho do mundo e começar a trilhar o caminho de Deus (Isaías 55:7-8; Atos 26:20; Romanos 12:2). O arrependimento é uma rendição total, voluntária e obediente, baseado no entendimento de como Deus deseja que vivamos nossa vida. (Ver capítulo intitulado “A Lei de Deus e o Pecado”, começando na página 16).

O arrependimento começa com nosso clamor a Deus pelo perdão de

nossos pecados e a aceitação de Jesus Cristo como nosso Salvador pessoal. Esta não é uma decisão meramente emotiva, embora a emoção certamente seja uma parte importante (Atos 2:37), mas deve ser uma decisão sincera de obedecer a Deus pela fé em Jesus Cristo. A justiça de Cristo se torna nossa através da fé nEle (Filipenses 3:8-9; Romanos 8:1-4).

Essa fé é uma crença profunda e confiante (Hebreus 11:1). E sem ela não podemos nos aproximar de Deus: “Ora, sem fé é impossível agradar-Lhe, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que é galardoador dos que O buscam” (versículo 6). Essa fé levará à obediência a Deus. Ela denota não apenas confiança no perdão dos pecados, mas também o reconhecimento de que Deus ajudará os fiéis a permanecerem firmes.

O arrependimento pela fé não significa simplesmente cumprir com um sistema religioso ou um conjunto de regras. A confiança em Deus e em Seus caminhos levará a pessoa a agir de acordo com Sua vontade e a manifestar obras de justiça (Tiago 2:17-26). O verdadeiro e piedoso arrependimento não é algo que uma pessoa possa desenvolver sozinha. Isso é um dom de Deus (2 Timóteo 2:25; Atos 11:18). E também é uma das muitas coisas boas que nosso Pai Celestial nos dá (Tiago 1:17). Ademais, Ele é quem nos leva ao arrependimento (Romanos 2:4).

O arrependimento é uma parte importante do processo de conversão. Como Pedro disse naquele primeiro sermão: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (Atos 2:38). Portanto, o arrependimento precede o batismo—este último é um sinal externo de nosso compromisso de abandonar nossos velhos caminhos e passar a viver uma nova vida, purificada através de Cristo.

Após o arrependimento e o batismo, o Espírito de Deus é oferecido a uma pessoa pela imposição de mãos de um servo de Deus devidamente ordenado (Atos 8:14-18; 2 Timóteo 1:6; Hebreus 6: 1-2). (Ver capítulo intitulado “O Batismo”, a partir da página 28). Então, o Espírito Santo começa a nos ajudar a honrar nosso compromisso de arrependimento, levando-nos a viver o caminho de Deus (Romanos 8:14). E o amor de Deus nos motiva a cumprir Suas leis (1 João 5:3). Os verdadeiros cristãos têm o Espírito Santo (Romanos 8:9) e se esforçam para viver como Cristo viveu (1 João 2:6).

O arrependimento envolve pesar e alegria. O arrependimento leva a um relacionamento alegre e eterno com nosso Deus amoroso, nosso Criador e doador da vida. O arrependimento concentra nossa visão no amor e na misericórdia de Deus e no perdão dos pecados, que se tornou possível pelo sacrifício de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. O arrependimento é necessário para nos despojar do “velho homem”, nosso antigo caráter, e tornar-se parte da família de Deus (Efésios 4:20-24).

E, novamente, essa é uma resposta de fé. Em Marcos 1:15, citado em parte anteriormente, Jesus pediu especificamente que as pessoas se

arrependessem e cressem *no evangelho*—referindo-se às boas novas do Reino de Deus (versículo 14). A expectativa de fazer parte do Reino de Deus certamente é motivo de alegria—e motiva aqueles que se preocupam seriamente em fazer a vontade de Deus.

Logo após o arrependimento piedoso, como vimos, devemos ser batizados para que todos os pecados passados sejam apagados (Romanos 3:25) e para receber o dom do Espírito Santo (Atos 2:37-38). A seguir devemos viver uma vida guiada pelo Espírito de Deus, crescendo em graça e conhecimento, produzindo frutos e sendo aperfeiçoados em santidade e justiça (2 Pedro 3:18; Mateus 13:23; 2 Coríntios 7:1).

Um efeito importante de ter o Espírito Santo dentro de nós é o desenvolvimento da fé (Gálatas 5:22-23; 1 Coríntios 12:4, 9). Agora passamos a viver na “fé do Filho de Deus” (Gálatas 2:20). De fato, os justos (aqueles que são justificados ou tornados retos diante de Deus) vivem pela fé (Habacuque 2:4; Romanos 1:17; Gálatas 3:11; Hebreus 10:38).

Precisamos entender que o arrependimento deve ser contínuo. Ele não acontece uma única vez na vida do crente. Uma pessoa convertida deve continuar combatendo o pecado em sua vida (1 João 1:8-10; 2:1). Os vestígios da natureza humana permanecem em nós pelo resto de nossas vidas, combatendo contra nossa mente e levando-nos a pecar (Romanos 7:17, 20-21).

Uma pessoa espiritualmente convertida deseja, enfim, agradar e obedecer a Deus. O amor de Deus, derramado no coração dessa pessoa pelo Espírito Santo (Romanos 5:5), a ajuda a seguir o caminho perfeito de Deus, mas a fraqueza da carne muitas vezes impede de realizar esse desejo interior (Romanos 7:12-25).

Deus não condena a pessoa convertida (Romanos 8:1) enquanto ela estiver nesse processo contínuo de arrependimento e superação do pecado (Apocalipse 2:7, 11, 17, 26; 3:5, 12, 21). E somente se a pessoa deixar definitivamente de se arrepender é que não haverá mais perdão. (Novamente, consultar capítulo intitulado “A Lei de Deus e o Pecado”, começando na página 16).

Através do arrependimento e da fé no sacrifício de Jesus Cristo para cobrir seus pecados, a pessoa convertida continua nesse processo de superação ao longo da vida. E com a milagrosa ajuda de Cristo vivendo na pessoa, através do Espírito Santo, o cristão é capaz de crescer no caminho de vida de Deus e andar cada vez mais pela fé e obediência à lei do amor de Deus (Gálatas 2:20; Filipenses 4:13 Colossenses 1:29).

(Para mais informações, baixe ou solicite nossos guias de estudo bíblicos gratuitos *O caminho Para a Vida Eterna, Transformando A Sua Vida: O Processo de Conversão e Você Pode Ter Uma Fé Viva*).

O Batismo na Água e a Imposição de Mãos

Cremos na ordenança do batismo na água por imersão após o arrependimento. Através da imposição de mãos e oração, o crente recebe o Espírito Santo e se torna parte do Corpo espiritual de Jesus Cristo (Mateus 3:13, 16; João 3:23; Atos 2:38; 8:14-17; 19:5-6; 1 Coríntios 12:13).

Após o arrependimento e a fé, Hebreus 6:2 lista “a doutrina dos batismos” e a “imposição das mãos” como dois dos princípios elementares de Cristo.

João Batista introduziu o batismo do arrependimento, que está relacionado com o conceito do perdão de pecados (Mateus 3:1-6; Marcos 1:4-5). O próprio Jesus foi batizado por João (Mateus 3:13-17) não porque precisava se arrepender de pecados ou ser perdoado, mas como um exemplo para Seus discípulos de todas as eras.

A palavra *batizar* deriva-se da palavra grega *baptizo*, que significa “imersão”. Então, por definição a única forma bíblica de batismo é por completa imersão na água. João Batista escolheu um local específico no rio Jordão para batizar porque ali havia água suficiente para imergir completamente uma pessoa (João 3:23).

A ordenança do batismo é profundamente importante para o cristão. Nesse ato, a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo são lembrados pelo crente, que, simbolicamente, “morre” e “ressuscita” desse “túmulo aquático” para andar em novidade de vida (Romanos 6:3-6; Colossenses 2:12-13).

Também é inerente ao simbolismo a promessa da futura ressurreição do crente no Reino de Deus. O pecador perdoado emerge das águas do batismo para viver uma nova vida em Cristo, livre da pena de morte decorrente do pecado. As águas do batismo lavam simbolicamente todos os pecados. Nesse sentido, o batismo é um reconhecimento externado do intuito interior do crente de entregar e submeter sua vida a Deus e a Seu caminho (Efésios 4:20-24).

O batismo ordenado nas Escrituras deve ser precedido da fé e do arrependimento (Atos 2:37-38; Marcos 16:16). O próprio simbolismo do batismo manifesta a vontade de “sepultar” uma antiga vida pecaminosa (Romanos 6:11). Nosso reconhecimento de culpa e da necessidade de Jesus Cristo, que nos salva das consequências do pecado, são de suma importância. Esse arrependimento é caracterizado por uma mudança de coração e atitude baseados na fé pessoal e num total compromisso com Jesus Cristo

e com Deus Pai (Lucas 14:25-33; Colossenses 2:12). (Ver capítulo intitulado “O Arrependimento e a Fé”, começando na página 25).

O batismo é somente para pessoas maduras, que conseguem compreender e considerar plenamente o imprescindível compromisso ao longo da vida. A Bíblia não indica que o batismo seja apropriado para crianças.

A comissão que Jesus deu aos discípulos inclui a autoridade para batizar as pessoas convertidas (Mateus 28:18-20). O batismo é seguido da oração e da imposição de mãos por um ou mais servos devidamente ordenados por Deus. Isso demonstra que Deus age por meio de servos humanos e que devemos cooperar com o ministério fiel que Ele estabeleceu em Sua Igreja. (Ver capítulo intitulado “A Igreja”, começando na página 49).

Tudo isso faz parte do processo de recebimento do dom do Espírito de Deus (Atos 2:38; 8: 14-18; 2 Timóteo 1:6; Hebreus 6:1-2). Através do Espírito Santo é que Cristo vive dentro do cristão (João 14:16-17, 23; Gálatas 2:20). E por meio desse processo, o crente é colocado no Corpo espiritual de Cristo (1 Coríntios 12:12-13), e isso é motivo de alegria no céu (Lucas 15:7).

Novamente, aqueles que chegaram ao arrependimento através do chamado de Deus (João 6:44) devem ser batizados para receberem o perdão dos pecados, seguindo o exemplo e a instrução de Jesus Cristo. E pela imposição de mãos, eles receberão o Espírito Santo, que os capacita a começar a viver uma vida transformada e guiada por esse Espírito.

(Para mais informações, baixe ou solicite nossos guias de estudo bíblicos gratuitos *O Caminho Para a Vida Eterna* e *Transformando A Sua Vida: O Processo de Conversão*).

O Dia de Sábado

Cremos que o sétimo dia da semana é o Sábado do Senhor nosso Deus. Somos ordenados a descansar de nosso trabalho nesse dia e adorar a Deus, seguindo o ensinamento e o exemplo de Jesus, dos apóstolos e da Igreja do Novo Testamento (Gênesis 2:2-3; Êxodo 20:8-11; 31:13-17; Levítico 23:3; Isaías 58:13; Hebreus 4:4-10; Marcos 1:21; 2:27-28; 6:2; Atos 13:42-44; 17: 2; 18:4; Lucas 4:31).

O dia de Sábado semanal, um tempo sagrado de descanso que ocorre a cada sete dias—do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol do Sábado—foi criado e apartado para o homem no momento de sua criação. Deus abençoou e santificou o sétimo dia, e nele descansou de todas as Suas obras de criação da semana anterior, conforme registrado no primeiro capítulo de Gênesis.

Esse cálculo de um ocaso a outro deriva do fato de que os seis dias anteriores começaram ao anoitecer (versículos 5, 8, 13, 19, 23, 31) e em Levítico 23:32 Deus explica que ainda calcula os dias dessa maneira. (O costume de começar e terminar os dias à meia-noite remonta a práticas estabelecidas na sociedade romana pagã e é contrário ao método de Deus para determinar o tempo).

O primeiro Sábado ocorreu um dia após a criação do primeiro casal de seres humanos. Esse tempo foi ordenado aos seres humanos para que se concentrem num relacionamento íntimo e pessoal com Seu Criador nesse dia (Gênesis 1:26–2:3).

Jesus Cristo se declarou o Senhor do Sábado (Marcos 2:28) e realmente foi Ele quem instituiu o Sábado, pois Deus Pai criou todas as coisas através dEle (João 1:1-3, 14; Colossenses 1:16-17; Hebreus 1:1-2).

Como Jesus também explicou nesse mesmo exemplo, o Sábado foi instituído para beneficiar diretamente *toda* a humanidade—não apenas um grupo cultural, religioso, étnico ou específico de pessoas (Marcos 2:27). Esse é um tempo muito especial para aprofundar e ampliar a dedicação do homem no relacionamento com Deus. Quando deixamos de buscar nosso próprio caminho, encontramos prazer naquilo que agrada a Deus (Isaías 58:13-14).

Deus entregou instruções a respeito da observância do Sábado, quando o listou entre os Dez Mandamentos em Êxodo 20 e Deuteronômio 5. Portanto, esse é um aspecto importante da lei de Deus, que devemos obedecer. (Ver capítulo intitulado “A Lei de Deus e o Pecado”, começando na página 16).

Em Êxodo 20:8-10, Deus disse: “*Lembra-te do dia do Sábado, para o santificar*”. Lembrar-se e santificar o Sábado, ou seja, deixar de trabalhar durante esse tempo e, em vez disso, usá-lo para buscar e adorar a Deus.

Na passagem de Levítico 23:3, o Sábado do sétimo dia é mostrado como uma das ocasiões designadas por Deus e o declara como um período de descanso solene e de santa convocação—uma assembleia sagrada obrigatória. (Ver capítulo intitulado “As Festas Santas de Deus”, começando na página 34). Quando os cristãos seguem esse padrão de observância e adoração, eles se lembram do Deus Criador, que os criou.

Em Deuteronômio 5:12-15, novamente Deus enfatiza a necessidade de guardar o Sábado. Ele explica que o Sábado deve ser um lembrete não apenas dEle como Criador, mas também do fato que Ele é o único que pode libertar da escravidão (ver também Lucas 4:18-19). A antiga Israel se lembrava de ter sido libertada da escravidão física do Egito. Os cristãos se lembram de serem libertados por Jesus Cristo da escravidão espiritual (Romanos 6:16-18).

A passagem de Êxodo 31:13-17 salienta que o Sábado é um sinal entre Deus e Seu povo, e também uma aliança perpétua. Isso é um complemento à instrução dada no momento da criação do homem e nos Dez Mandamentos. O Sábado deve ser santificado como um lembrete para aqueles chamados por Deus de que Ele é o único Deus verdadeiro que os separa como Seus filhos, que renderam suas vidas em obediência a Ele.

Quando Jesus retornar à Terra e estabelecer o governo do Reino de Deus sobre todas as nações, o Sábado será observado regularmente por toda a humanidade como um meio de adorá-Lo e servi-Lo (Isaías 66:23).

O próprio Jesus deu um exemplo virtuoso de observância do Sábado em Sua vida (Lucas 4:31). E o Novo Testamento registra que Seus seguidores continuaram praticando isso muito depois de Sua morte e ressurreição.

Paulo ensinou os gentios (não israelitas) no Sábado (Atos 13:42-44), seguindo a lei de Deus e o exemplo de Cristo. Onde quer que fosse Paulo ensinava no dia de Sábado, como era seu costume, e estabelecia igrejas que guardavam o Sábado (At 17:2; 18:4). Nenhum exemplo pode ser encontrado nos escritos dos apóstolos ou na prática da Igreja do Novo Testamento que apresente qualquer indício de mudança desse exemplo e ensinamento que receberam de Cristo.

Hebreus 4:9 declara: “Assim, ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus” (NVI). O contexto dessa passagem, Hebreus 3-4, apresenta o Sábado do sétimo dia como um símbolo do descanso que os antigos israelitas buscavam—cumprido em parte pelo assentamento deles na Terra Prometida, mas que será totalmente cumprido no futuro governo de Deus sobre todas as nações quando todos os povos terão um verdadeiro descanso. Os versículos seguintes mostram que agora os cristãos devem ser diligentes para entrar nesse futuro descanso de Deus, bem como no descanso semanal que o prefigura (Hebreus 4:4, 9-11).

Em conclusão, o Sábado recorda a criação e lembra ao homem de Seu Criador. Hoje em dia, ele serve para recordar àqueles que santificam o sétimo dia que foi Deus que os livrou da escravidão do pecado. E, finalmente, o Sábado aponta para o retorno de Jesus Cristo e o estabelecimento do Reino de Deus, quando haverá um verdadeiro descanso para toda a humanidade.

(Para mais informações, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *O Sábado: O Dia de Descanso de Deus*).

A Páscoa

Cremos na celebração da Páscoa do Novo Testamento na noite de 14 de Abibe, o aniversário da morte de Nosso Salvador (Levítico 23:5; Lucas 22:13-14).

A Páscoa é a primeira das sete festas anuais de Deus, listadas em Levítico 23, logo seguida pela Festa dos Pães Asmos, que tem duração de sete dias. (Ver capítulo intitulado “As Festas Santas de Deus”, começando na página 34). Como instrui o Novo Testamento, devemos observar a Páscoa para celebrar o sacrifício de Jesus Cristo.

Revelada aos israelitas no momento de sua libertação do Egito, conforme registrado em Êxodo 12-13, a observância da Páscoa envolveu o sacrifício de um cordeiro imaculado por cada família no décimo quarto dia do primeiro mês do calendário hebraico (Abibe ou Nisã) e comer pães ázimos e ervas amargas. Além da carne, das ervas e dos pães asmos, a Páscoa também passou a incluir, tradicionalmente, o vinho.

O sangue do cordeiro, naquela ocasião colocado em torno das portas dos israelitas, permitiu que o povo fosse poupado quando Deus, julgando de forma justa, matou os primogênitos do Egito. Assim, as vidas dos primogênitos israelitas foram redimidas (recompradas ou resgatadas) pelo sangue do cordeiro.

E depois, ao observar a Páscoa todos os anos nessa mesma data, os israelitas deveriam recordar essa redenção no Egito (enquanto a seguinte Festa dos Pães Asmos comemorava sua libertação da escravidão egípcia no êxodo).

Entretanto, além de recordar uma redenção passada, a Páscoa do Antigo Testamento prefigurava uma redenção muito maior—através de um sacrifício muito maior. “Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós” (1 Coríntios 5:7). Jesus Cristo é chamado de “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Nós somos “resgatados...com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado” (1 Pedro 1:18-19). (Ver capítulo intitulado “O Sacrifício de Jesus Cristo”, começando na página 20).

A morte de Jesus ocorreu na tarde do dia 14 de Abibe, a data da Páscoa. Sabemos disso porque foi o dia de preparação para o Sábado anual que se seguiu no dia 15, o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos que durava sete dias (Mateus 27:62; Marcos 15:42; Lucas 23:54; João 19:14; João 19:14, 31, 42). (Ver capítulo intitulado “Três dias e Três Noites”, a partir da página 22).

Além disso, na noite anterior à Sua morte, Jesus observou com Seus discípulos uma cerimônia memorial que Ele identificou especificamente como a Páscoa (Mateus 26:17-30; Marcos 14:12-26; Lucas 22:7-20). Isso ocorreu no começo do dia 14 de Abibe, pois os dias bíblicos são contados de entardecer a entardecer. (Para mais informações sobre o cálculo bíblico dos dias, consultar capítulo intitulado “O Dia de Sábado”, começando na página 29).

A partir dali, Jesus ordenou que a Páscoa fosse observada por Seus seguidores *em Sua memória* e declarou que os símbolos do pão asmo e do vinho deveriam representar o sacrifício de Seu corpo e sangue. Jesus disse o seguinte sobre o vinho: “Isto é o Meu sangue, o sangue da nova aliança” (Mateus 26:28; Marcos 14:24, ARA), instituindo assim a observância da nova aliança para os cristãos de hoje—algo coerente com o Seu papel de “Mediador de uma nova aliança” (Hebreus 12:24).

Jesus também disse que Seu sangue foi “derramado por muitos para remissão dos pecados” (Mateus 26:28), revelando que Sua morte sacrificial pagaria a pena de morte pelos pecados (Romanos 6:23; ver Hebreus 9:15).

Mas a Páscoa do Novo Testamento não se refere apenas à morte de Jesus como Cordeiro de Deus. Ela também diz respeito ao Seu sofrimento (Lucas 22:15). Devemos lembrar de todo o sacrifício que Ele fez—tanto Seu sofrimento quanto Sua morte. Seu sofrimento, morte e sepultamento ocorreram no dia 14 de Abibe. Os símbolos do pão asmo e do vinho representam todo Seu sacrifício—novamente, Seu sofrimento e Sua morte.

Como mencionado, a morte de Jesus ocorreu na tarde do dia 14 de Abibe, mas o período de Seu intenso sofrimento começou na noite anterior à Sua morte enquanto ainda estava com Seus discípulos: “E, levando Consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. Então, lhes disse: A Minha alma está cheia de tristeza até à morte” (Mateus 26:37-38).

Com Seu sacrifício, Jesus assumiu a pena de morte por todos os pecados da humanidade (1 Pedro 3:18). Quando participamos do pão e do vinho, reconhecemos que Ele ofereceu Seu corpo e sangue para cobrir nossos pecados. Somos reconciliados com Deus Pai pela fé no sacrifício de Jesus Cristo.

Essa reconciliação nos concede acesso ao Pai e nos permite ir diante de Seu trono da graça para buscar ajuda em tempos de necessidade (Hebreus 4:16). E é por causa do sacrifício de Cristo que podemos ser curados espiritual, física, mental e emocionalmente (Isaías 53:4-5; Tiago 5:14). (Mais uma vez, consultar capítulo intitulado “O Sacrifício de Jesus Cristo”, começando na página 20).

Quando comemos o pão asmo na Páscoa, simbolizamos nossa aceitação do sacrifício de Cristo e também uma nova vida com Cristo vivendo em nós (João 6:53-54). Também demonstramos nossa união com Cristo e com cada membro do Corpo de Cristo, a Igreja (1 Coríntios 10:16), bem como nossa disposição de viver pela Palavra de Deus.

Em 1 Coríntios 11:20-26, Paulo explica que, por meio dessa cerimônia, anunciamos “a morte do Senhor, até que venha”—isso representa a única maneira pela qual a humanidade pode ser reconciliada com Deus. Na verdade, a Páscoa também aponta para o futuro. Embora o sacrifício de Cristo fosse o cumprimento da morte do cordeiro, Ele disse que a Páscoa seria cumprida no “reino de Deus” (Lucas 22:15-16), ou seja, quando o processo de redenção será concluído.

Além disso, quando Cristo apresentou o vinho como símbolo de Seu sangue nessa Nova Aliança também havia outro simbolismo, um tipo de proposta de casamento para Seu povo—ansioso pelas “bodas do Cordeiro” que ocorrerá no Seu retorno (Apocalipse 19:7, 9). (Ver capítulo intitulado “A Igreja”, começando na página 49).

Quanto à observação da Páscoa hoje em dia, Paulo disse nessa mesma passagem de 1 Coríntios 11 que a Igreja deve se reunir para comer do pão e beber do cálice. E afirmou aqui que devemos observar esse memorial assim como Jesus observou com Seus discípulos “*na noite em que foi traído*” (versículo 23)—no começo do dia 14 de Abibe.

Essa cerimônia anual também inclui a ordenança do lavamento de pés, conforme Jesus estabeleceu nessa mesma observância da Páscoa. Depois de dar um exemplo de servo ao lavar os pés dos discípulos, Ele declarou: “Vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também...Se sabeis essas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes” (João 13:14-17).

Todos os três elementos—o lava-pés, o pão asmo e o vinho—devem fazer parte da observância anual da Páscoa. E deve ser observado apenas uma vez por ano após o pôr do sol, no começo do décimo quarto dia do primeiro mês do calendário hebraico, conforme estabelecido pela Palavra de Deus.

Essa observância é tão importante aos olhos de Deus que, em Números 9:1-14, Ele ordenou que se por alguma situação inevitável alguém fosse impedido de celebrar a Páscoa no décimo quarto dia do primeiro mês, então deveria observá-la um mês depois, no dia décimo quarto dia do segundo mês. A Igreja de Deus Unida continua praticando isso hoje em dia.

Finalmente, é preciso afirmar que a Páscoa representa um passo importante no plano de salvação de Deus. Certamente, a morte sacrificial de Cristo, rememorada na Páscoa, nos reconcilia com Deus, mas, na verdade, somos *salvos* pela Sua vida (Romanos 5:9-10). Conforme descrito no próximo capítulo, essa libertação é retratada na Festa dos Pães Asmos e nas outras seguintes festas de Deus.

(Para mais informações, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *As Festas Santas de Deus: O Plano de Deus Para a Humanidade*).

As Festas Santas de Deus

Cremos na observância das sete festas anuais que foram ordenadas por Deus à antiga Israel; e que foram observadas por Jesus Cristo, pelos apóstolos e pela Igreja do Novo Testamento. E que também serão observadas por toda a humanidade durante o reinado milenar de Cristo. Essas festas revelam o plano de salvação de Deus (Colossenses 2:16-17; 1 Pedro 1:19-20; 1 Coríntios 5:8; 15:22-26; 16:8; Tiago 1:18; Êxodo 23:14-17; Levítico 23; Lucas 2:41-42; 22:14-15; João 7:2, 8, 10, 14; Atos 2:1; 18:21; 20:16; Zacarias 14:16-21).

Celebramos os dias de festa que Deus nos ordenou nas Escrituras, rejeitando todos os feriados inventados pelo homem e derivados de cultos pagãos, como o Natal e o Domingo de Páscoa, segundo Deuteronômio 12:29-32.

Quando Deus libertou a nação de Israel do cativeiro egípcio, Ele ordenou à nação que participasse de cultos especiais durante as épocas das

colheitas anuais (Êxodo 23:14-16; Deuteronômio 16:1-17). Esses períodos estão listados em Levítico 23, e várias traduções da Bíblia os denominam “as solenidades do SENHOR” (versículos 2-4).

Aqui a palavra “solenidades” é usada no sentido de festas ou celebrações. Certamente, essa é uma descrição apropriada, pois, no hebraico original do Antigo Testamento, quatro dessas ocasiões são nomeadas com a palavra *chag* ou *hag*, que significa “festival”. Mas a palavra hebraica usada nos versículos 2-4 para todas as ocasiões é *moedim*, significando “tempos determinados”. Portanto, essas ocasiões são compromissos especiais de Deus com Seu povo—compromissos que Ele deseja que cumpramos.

O entendimento da mensagem do evangelho e o plano de salvação de Deus são enriquecidos pelo fato de Deus usar as colheitas físicas para simbolizar as colheitas espirituais dos seres humanos através do divino dom de salvação por Jesus Cristo (Mateus 9:37-38; João 4: 35; 15:1-8; Colossenses 2:16-17). As três primeiras festas estão associadas às colheitas da primavera na terra de Israel, enquanto as últimas quatro festas estão relacionadas à colheita do final do verão e do outono.

E essas festas são sete dias santos ou Sábados anuais. E, juntamente com o Sábado *semanal* de Deus, elas são convocações sagradas ou assembleias ordenadas para o povo de Deus. Elas são sagradas porque são santificadas—separadas por Deus. Ele ordena que Seu povo se reúna nesses dias para adoração e para aprender sobre Ele e Seu plano, bem como para comunhão e regozijo juntos (Levítico 23:1-4; Deuteronômio 14:23-26; Neemias 8:1-12).

O registro do Novo Testamento mostra que a igreja cristã do primeiro século continuou a observar essas festas bíblicas. O próprio Jesus Cristo observou essas festas, e nós, como Seus seguidores, somos instruídos a andar como Ele andou (João 7:8-14; 1 João 2:6)—a viver como Ele viveu.

A Igreja do Novo Testamento começou milagrosamente em uma dessas festas anuais—o Dia de Pentecostes (Atos 2:1-4). Os apóstolos e discípulos da Igreja primitiva continuaram a observar essas festas muito tempo depois da morte e ressurreição de Jesus (Atos 18:21; 20:16; 27: 9; 1 Coríntios 5:8).

Paulo manteve a observância delas e as apresentou como “sombras” ou esboços dos grandes eventos do plano de salvação de Deus que ainda devem ser cumpridos (Colossenses 2:16-17). Ele também instruiu a congregação gentia (não israelita) de Corinto acerca de uma dessas festas: “*Celebremos a festa*” (1 Coríntios 5:8, ARA).

Ao observar essas festas ao longo do ano, o povo de Deus se concentra e se lembra da obra de Jesus, o Messias, no cumprimento do plano de salvação de Deus. A obra dEle tem diferentes fases—a primeira é se oferecer como sacrifício pelos pecados da humanidade, agora servindo como Advogado e Sumo Sacerdote de Seu povo e vivendo dentro deles para ajudá-los a vencer o pecado; e, finalmente, retornando em poder e glória para estabelecer o Reino de Deus sobre todas as nações.

Tudo isso está muito bem retratado nessas festas anuais. Através de Cristo, que é nosso foco, começamos a entender o significado especial por trás dessas festas anuais.

Conforme revelado nas Escrituras Sagradas, o plano de salvação está ilustrado no significado dessas sete festas anuais listadas em Levítico 23.

- **A Páscoa**, no início da primavera no hemisfério norte, nos ensina que Jesus Cristo não tinha nenhum pecado, mas, como o “Cordeiro de Deus” sacrificado, deu Sua vida para que os pecados da humanidade pudessem ser perdoados e a pena de morte fosse removida (1 Coríntios 5:7; 1 Pedro 1:18-20; Romanos 3:25).

A Páscoa, embora não seja observada como um Sábado anual em que nenhum trabalho habitual deve ser feito, é a primeira festa do ano. Sua observância inclui o lavamento dos pés e participar do pão asmo e do vinho, como símbolo do corpo de Cristo e de Seu sangue derramado em sacrifício. (Ver capítulo intitulado “A Páscoa”, começando na página 31).

- A Festa dos Pães Asmos, que começa no dia seguinte à Páscoa e continua por sete dias, nos ensina que Jesus Cristo nos leva à rejeição da iniquidade, a nos arrepender do pecado e a viver de toda a palavra de Deus (1 Coríntios 5:8; Mateus 4:4).

Durante essa festa, o fermento—um agente que incha a massa de pão durante o cozimento—simboliza o pecado e, portanto, é removido de nossas casas e não é consumido por sete dias (1 Coríntios 5:7-8; Êxodo 12:19). Ao comer pães *asmos* durante esse período, retratamos uma vida de sinceridade e justiça e livre do pecado. O primeiro e o último dia dessa festa de sete dias são Sábados anuais.

- **A Festa de Pentecostes** é em um Sábado anual do fim da primavera no hemisfério norte. Ela também é chamada Festa das Semanas, Festa da Colheita ou das Primícias, e nos ensina que Jesus Cristo está edificando Sua Igreja com aqueles que são “uma espécie de primícias” da colheita espiritual da humanidade, e que têm as “primícias do Espírito” (Êxodo 23:16; Atos 2:1-4, 37-39; Tiago 1:18; Romanos 8:23). (Ver capítulo intitulado “A Igreja”, começando na página 49).

E esses vão receber a salvação no retorno de Cristo. Eles foram capacitados pelo Espírito Santo, que em cada um cria um coração novo e uma natureza sincera e obediente aos mandamentos de Deus. Jesus é o primeiro desses frutos, como retratado antes sobre uma oferta especial de primícias durante a festa anterior (ver Levítico 23:9-14; 1 Coríntios 15:20, 23). Em grego Pentecostes significa quinquagésimo, por isso cinquenta dias são contados desde essa primeira oferta.

- **A Festa das Trombetas**, um Sábado anual do fim do verão ou início do outono no hemisfério norte, ensina-nos que Jesus Cristo retornará visivelmente à Terra no final desta era. Nesse tempo, Ele ressuscitará os servos fiéis de Deus que não estiverem vivos e transformará em seres espirituais imortais aqueles santos obedientes que ainda estiverem vivos

(Mateus 24:31; 1 Coríntios 15:52-53; 1 Tessalonicenses 4:13-17).

Essa festa comemora o toque de trombetas que precederão e anunciarão o retorno de Cristo. Apocalipse 8-10 descreve sete anjos com sete trombetas anunciando os eventos que vão abalar o mundo. Cristo vai retornar quando soar a sétima trombeta (Apocalipse 11:15).

- **O Dia da Expição**, um Sábado anual poucos dias depois do prévio Sábado anual, indica o tempo em que Satanás, o diabo, será aprisionado por mil anos (Levítico 16:29-30, 20-22; Apocalipse 20:1-3). E representa o afastamento da principal causa do pecado—Satanás e seus demônios. Enquanto Deus não afastar o instigador original do pecado, a humanidade continuará sendo levada à desobediência e ao sofrimento.

Esse Dia Santo também mostra nosso Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, fazendo expiação pelos pecados de toda a humanidade. Esse ato de expiação —“unificação”—permite que sejamos reconciliados (ser um) com Deus e que tenhamos acesso direto a Ele ao entrar espiritualmente no “santuário” (Hebreus 9:8-14; 10:19-20). Ao jejuar neste dia, nos aproximamos de Deus e retratamos a reconciliação com Deus que toda a humanidade experimentará após o retorno de Cristo. Jesus Cristo é essencial nesse processo como nosso Sumo Sacerdote (Hebreus 4:14-15; 5:4-5, 10) e como nosso único e eterno sacrifício pelos pecados (Hebreus 9:26-28; 10:12).

- **A Festa dos Tabernáculos**, também chamada de Festa da Colheita, ocorre alguns dias após o dia santo anterior e tem duração de sete dias, sendo o primeiro dia um Sábado anual. Essa festa nos ensina que, quando Jesus Cristo voltar, Ele começará a colheita da maior parte da humanidade e estabelecerá uma nova sociedade como Rei dos Reis e Senhor dos Senhores sob o comando de Deus Pai.

Auxiliado pelos santos ressuscitados, Cristo estabelecerá Seu governo na Terra por mil anos (Apocalipse 19:11-16; 20: 4; Levítico 23:39-43; Mateus 17:1-4; Hebreus 11:8-9). E ao governar, Suas leis se espalharão de Jerusalém para todo o mundo, inaugurando assim um período sem precedentes de paz e prosperidade (Isaías 2:2-4; Daniel 2:35, 44; 7:13-14). (Ver capítulo intitulado “O Retorno de Jesus Cristo e o Reino Vindouro”, começando na página 61).

Hoje essa festa é observada em reuniões regionais em todo o mundo em que os membros da Igreja vivem em moradias temporárias durante todo seu período, segundo as instruções bíblicas.

- **O Último Grande Dia**, o Sábado anual imediatamente após a Festa dos Tabernáculos, também conhecido como o Oitavo Dia. Este dia nos ensina que Jesus Cristo completará Sua colheita de seres humanos ressuscitando dentre os mortos e oferecendo a salvação a todos aqueles que morreram no passado e nunca tiveram a oportunidade de serem salvos (Ezequiel 37:1-14; Romanos 11:25-27; Lucas 11:31-32; Apocalipse 20:11-13). (Ver capítulo intitulado “As Ressurreições e o Julgamento Eterno”, começando na página 57).

Assim, o ciclo anual da celebração das festas e dias santos lembra aos

discípulos de Cristo que Ele está elaborando o plano de Deus de oferecer a toda a humanidade a libertação do pecado e da morte e o dom da vida eterna na família de Deus—todas as pessoas do passado, presente e futuro.

(Para mais informações, baixe ou solicite guias de estudo bíblicos gratuitos *Feriados Religiosos ou Dias Santos: Será Que Importa Quais Dias Observamos?* e *As Festas Santas de Deus: O Plano de Deus Para a Humanidade*).

As Leis Alimentícias de Deus

Cremos que os animais que Deus designou como “imundos” em Levítico 11 e Deuteronômio 14 não servem de alimento para o ser humano.

As escrituras revelam que Deus criou essa grande variedade de vida animal que habita nosso planeta e afirma ainda que alguns animais foram criados com o propósito específico de fornecer alimento para a humanidade (1 Timóteo 4: 3). Embora um cristão não seja obrigado a comer carnes, o vegetarianismo, em suas várias formas, se praticado como uma questão de exigência religiosa, é considerado uma fraqueza espiritual (Romanos 14:2) e tentar impor isso aos outros como ensinamento configura-se “doutrinas de demônios” (1 Timóteo 4:1-3).

Não há uma clara afirmação de quando Deus revelou pela primeira vez nas Escrituras a diferença entre os animais que são considerados “limpos” e aqueles que não são. A ausência de uma ordem direta sobre esse assunto nos primeiros capítulos de Gênesis não deve ser tomada como prova de que nenhuma instrução foi dada a esse respeito no início da história humana.

Existem poucas ordens claras nas primeiras páginas da Bíblia, mas os exemplos registrados revelam que os padrões de certo e errado foram nitidamente entendidos. Por exemplo, não há uma ordem direta contra o assassinato antes de Caim matar seu irmão Abel, mas ninguém, evidentemente, concluiria que o assassinato era aceitável antes desse ponto.

O livro de Gênesis pode ser descrito como um livro de inícios. Ele foi escrito ou compilado por Moisés para fornecer um registro histórico do que aconteceu, mas não para listar leis específicas. Os leitores não devem assumir, com base na ausência desde o início de Gênesis, que qualquer lei não mencionada não existia desde o princípio.

A primeira declaração das Escrituras sobre animais “limpos” e “imundos” se encontra em Gênesis 7:2, onde Noé foi ordenado a levar sete casais de cada animal limpo e apenas um casal de cada animal imundo.

Quando Deus disse a Noé para construir uma arca gigante, Ele deu instruções explícitas sobre seu tamanho, composição e design. Porém, as Escrituras registram que Deus não se preocupou de instruir a Noé sobre quais criaturas eram limpas e quais eram imundas. As instruções de Deus e a resposta de Noé indicam claramente que Noé já sabia quais eram os animais limpos e imundos.

Quando o grande dilúvio chegou ao fim, Deus disse a Noé: “Tudo quanto se move, que é vivente, será para vosso mantimento; tudo vos tenho dado, como a erva verde” (Gênesis 9:3). Entretanto, isso não significava que todos os animais eram apropriados para o consumo humano. Muitas criaturas, por sua própria natureza, são perigosas, venenosas e colocam nossa saúde em risco.

O ponto tratado aqui é que, embora poucos homens tenham sobrevivido e também diversas espécies de animais grandes e perigosos, Noé e sua família não precisavam temer esses animais. A passagem deixa claro que esses animais eram para o benefício do homem. Todos eles estavam sob o controle do homem, *do mesmo modo que todas as plantas*.

Observe o paralelo. Algumas plantas servem como alimento, outras são adequadas para construir materiais, outras são para ornamentação e enfeite, e algumas são venenosas e podem causar doenças ou até a morte quando consumidas. Da mesma forma, alguns animais servem de alimento, enquanto outros fornecem fibras para roupas e outros servem para lavar a terra ou proteger contra perigos. Assim como plantas venenosas, alguns animais não devem ser consumidos.

Sempre que os animais são mencionados nas Escrituras como fonte de alimento ou relacionados com os sacrifícios antes de Israel receber a Antiga Aliança no Monte Sinai, invariavelmente, eles são animais referidos como limpos (Gênesis 15:9—bezerro, cabra, carneiro, rolinha, pombo; Gênesis 22:13—carneiros; Êxodo 12:5—ovelhas ou cabras). A lei das carnes limpas e imundas é anterior à Antiga Aliança, independentemente do papel que possam ter desempenhado dentro dessa aliança.

Quando o sistema levítico foi estabelecido, era necessário codificar uma série de regras que já estavam em vigor há algum tempo. Ademais, duas passagens das Escrituras, Levítico 11 e Deuteronômio 14:3-21, mostram claramente quais são os animais apropriados para o consumo humano e quais não são. O termo *limpo* é usado para designar os animais adequados para o consumo humano, enquanto o termo *imundo* é usado para aqueles que não são apropriados para alimentação. Por isso, é importante “fazer diferença entre o imundo e o limpo” (Levítico 11:47; comparar Ezequiel 22:26; 44:23).

As escrituras não revelam exatamente por que Deus designou alguns animais como apropriados para consumo humano e outros não. Pode ter sido por razões de saúde ou por simbolismo ou ambos, como parece ser o caso. Sem dúvida, Deus sabe por que e para que Ele criou cada animal. Contudo, mesmo que as determinações de Deus sobre esse assunto fossem somente

um teste de obediência, Ele, como Criador de toda a vida, tem todo direito de tomar essas decisões.

Diversas passagens do Novo Testamento mostram que as leis de carnes limpas e imundas continuaram sendo observadas por Jesus Cristo e Seus seguidores. Apesar do grande desejo dos líderes religiosos em acusar Jesus de violar as suas interpretações das leis religiosas, não há nenhum registro de que alguma vez eles tenham Lhe acusado de violar essas leis alimentícias ou ensinar contra elas. Se Ele tivesse defendido a ideia de que poderíamos comer animais imundos, isso seria um argumento ideal para destruir a Sua reputação perante o povo, pois todos ficariam horrorizados com essa ideia.

Se a declaração de Jesus em Marcos 7:19 tivesse sido interpretada por aqueles líderes religiosos da mesma maneira que muitas pessoas a explicam hoje em dia, eles teriam ficado furiosos. Alguns creem que aqui Ele se refere à purificação de todos os alimentos, declarando que toda carne é limpa. Mas, na verdade, Sua declaração se refere a que todos os alimentos são eliminados do corpo através do sistema digestivo. E isso não tem nada a ver com carnes limpas ou imundas.

O décimo capítulo de Atos é outra passagem, geralmente incompreendida, que ilustra de forma poderosa o entendimento da Igreja do Novo Testamento sobre carnes limpas e imundas—embora não seja o objetivo principal dessa visão de Pedro.

O apóstolo Pedro recebeu uma visão de Deus que o instruíu a levar a mensagem do evangelho aos gentios (não israelitas). E nessa ocasião, Pedro três vezes se recusou a participar do consumo de animais impuros que lhe foram mostrados, ficando intrigado com o significado daquela visão até Deus revelar que Ele estava se referindo a pessoas e não a animais limpos e imundos. Assim foi revelado a Pedro que *nenhum ser humano* deve ser considerado “comum ou imundo” (versículos 28-29).

Esse capítulo termina com o Espírito Santo sendo entregue à família do gentio Cornélio como prova de que o chamado de Deus ao arrependimento e à salvação agora estava disponível para as pessoas de todas as nações (versículos 44-48; ver também Atos 11:1-18). Embora essa passagem das Escrituras tenha sido usada como permissão para comer animais imundos, ela indica exatamente o contrário. Embora esse evento tenha ocorrido muitos anos após o início da história da Igreja no Novo Testamento, Pedro rejeitou a ideia de comer carne imunda, chegando a protestar dizendo: “De modo nenhum, Senhor, porque *nunca* comi coisa alguma comum e imunda” (versículo 14).

E, em uma passagem citada anteriormente, Paulo escreveu das criaturas “que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças” e descreveu que toda a criatura “pela palavra de Deus e pela oração, é santificada” (1 Timóteo 4:3,5).

A palavra *santificada*, utilizada para descrever essas criaturas, tem o duplo significado de ser separado “de” algo e ser separado “para” algo. Os animais limpos são aqueles que foram apartados dos outros animais pela Palavra de

Deus, a Bíblia, com o propósito de servir de alimento aos seres humanos. A carne das criaturas designadas como apropriadas para alimentação deve ser recebida com gratidão por aqueles que creem e conhecem a verdade. A carne animal designada como imunda é imprópria para consumo humano e não deve ser consumida.

Deus também deu outras leis alimentícias importantes. Ele declara como estatuto perpétuo que Seu povo não coma gordura nem sangue (Levítico 3:17; 7: 22-26; 17: 10-14; 19:26; Deuteronômio 12:16, 23-25; 15:23; 1 Samuel 14: 33-34; Ezequiel 33:25). A gordura proibida mencionada é a dos mamíferos, não das aves, e é a capa de gordura da carne, que pode ser removida, e não aquela gordura entranhada nela.

Porém, a proibição de se consumir sangue diz respeito a mamíferos e aves. A exigência de que o sangue fosse drenado de qualquer carne antes de ser consumida foi comunicada pelos apóstolos do Novo Testamento aos gentios convertidos acostumados a comer animais estrangulados sem drenagem do sangue (Atos 15:19-20, 28-29). Como Deus disse em Deuteronômio 12:25: “Não o comerás, para que bem te suceda a ti e a teus filhos, depois de ti, quando fizeres o que for reto aos olhos do SENHOR”.

(Para mais informações, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *O Que a Bíblia Ensina Sobre Carnes Limpas e Imundas?*).

O Serviço Militar e a Guerra

Cremos que os Cristãos estão proibidos segundo os mandamentos de Deus de tirar uma vida humana direta ou indiretamente, e que portar armas é contrário a essa crença fundamental. Por isso, cremos que os cristãos não devam servir voluntariamente em nenhum tipo de serviço militar. E se estiverem involuntariamente envolvidos no serviço militar, cremos que devem recusar conscientemente portar armas e, na medida do possível, recusar-se a ficar sob qualquer autoridade militar (Êxodo 20:13; Mateus 5:21-22; 1 Coríntios 7:21-23; Atos 5:29).

O caminho de Deus é o caminho do amor, do sacrifício e da comunhão (Romanos 12:1, 10). O ensinamento de Deus a respeito de tirar a vida humana é resumido no sexto mandamento, que diz: “Não matarás” (Êxodo 20:13). Jesus Cristo repetiu um grande princípio quando disse: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:39).

E o apóstolo Paulo disse: “O amor não faz mal ao próximo” (Romanos 13:10). (Ver capítulo intitulado “A Lei de Deus e o Pecado”, começando na página 16).

Jesus declarou: “O meu Reino não é deste mundo; se o Meu Reino fosse deste mundo, lutariam os Meus servos...” (João 18:36). No período do Antigo Testamento, Israel era um reino deste mundo mesmo tendo Deus como rei. Havia autoridade civil sob o comando de Deus—incluindo o poder da guerra terrena. Esse tempo e situação acabaram.

Hoje em dia, a Igreja de Deus é uma nação espiritual—a Israel espiritual. (Ver capítulo intitulado “A Igreja”, começando na página 49). Como cristãos, saímos das trevas, do poder de Satanás ao poder do Reino de Deus (Atos 26:18; Colossenses 1:11-13).

Esse Reino não existe em nenhum governo nacional da atualidade. Em vez disso, agora temos nossa cidadania no céu (Filipenses 3:20), sendo embaixadores de um reino que ainda será estabelecido em toda a Terra. Portanto, não lutamos guerras terrenas.

Pondere que, se os cristãos fossem obrigados a combater por seus respectivos países, em uma guerra entre países provavelmente haveria cristãos combatendo outros cristãos—uma circunstância obviamente insustentável, pois os discípulos de Cristo devem ser caracterizados por seu amor uns pelos outros (João 13:34-35). E isso, como já apontado, significa não fazer mal a ninguém (Romanos 13:10).

Devemos imitar as obras de Jesus (1 Pedro 4:1, 13-16). Ele não ofendeu quando foi ultrajado e não ameaçou quando Ele sofreu. Ele sofreu por fazer o bem e suportou isso pacientemente por causa de Seu desejo de agradar a Deus (1 Pedro 2:19-24). Ele ensinou que ficar com raiva do próximo pode terminar em pecado (Mateus 5:21-22). Devemos amar até nossos inimigos e fazer o bem àqueles que nos odeiam (versículos 43-44). Não devemos nos vingar, pois a vingança pertence a Deus (Romanos 12:19).

Nossa guerra como cristãos está na arena espiritual (Efésios 6:10-20). Não lutamos contra carne (2 Coríntios 10:3), mas contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes (Efésios 6:12). Devemos ser fiéis soldados espirituais de Jesus Cristo (2 Timóteo 2:3-4). Este é o nosso chamado na vida. Por conta disso, às vezes um cristão pode enfrentar um conflito entre as leis do homem e as leis do Deus Todo-Poderoso. Quando isso acontece, o cristão deve obedecer às leis de Deus, que sempre têm prioridade (Atos 5:29; 1 Pedro 2:13-14).

Sem dúvida, sempre que depender de nós, devemos tentar evitar conflitos (Romanos 12:18), e juntar-nos às forças armadas não é o caminho correto para isso. Na maioria dos países, os militares têm seus próprios códigos e leis. Uma pessoa engajada nas forças armadas não é livre para decidir o que pode fazer, pois está sob a autoridade de superiores e deve fazer o que mandam ou arriscar sofrer sérias consequências.

A decisão mais sábia a tomar é evitar se colocar nessa situação, pois a partir

do momento que uma pessoa se engaja nas forças armadas ela fica sujeita à sua autoridade e pode ser chamada para tirar a vida humana ou violar outros princípios da lei de Deus. Paulo nos diz para não nos tornarmos escravos dos homens (1 Coríntios 7:23).

Portanto, a Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*, apoia a escusa de consciência de seus membros quanto ao serviço militar e à guerra.

As Promessas da Aliança Abraâmica

Cremos na eterna justiça de Deus. Esta justiça é demonstrada pela lealdade de Deus em cumprir todas as promessas que fez ao pai da fé, Abraão. Como prometido, Deus multiplicou os descendentes de Abraão e assim ele tornou-se literalmente o “pai” de muitas nações. Cremos que Deus, como prometido, fez prosperar materialmente os descendentes da linhagem de Abraão, a saber, Isaque e de Jacó (cujo nome Ele mudou para Israel). Cremos que Deus, através do Descendente de Abraão, Jesus Cristo, está oferecendo a salvação a toda a humanidade, independentemente de linhagem física. Portanto, a salvação não é um privilégio de nascimento. Ela está disponível a todas as pessoas que Deus chamar, sendo consideradas descendentes de Abraão pela fé e herdeiros de acordo com as promessas. Cremos que Deus tem cumprido e continua cumprindo as promessas físicas a Abraão e a seus filhos, e que também está cumprindo Suas promessas espirituais através de Jesus Cristo. Por isso, é muito importante compreendermos a mensagem dos profetas e sua aplicação neste mundo (Salmos 111:1-10; Romanos 4:16; 9:7-8; Gálatas 3:16; Gênesis 32:28).

Deus fez promessas físicas e espirituais a Abraão. As promessas físicas envolviam grandeza física para seus descendentes: “E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome” (Gênesis 12:1-2). Essas promessas incluíam garantias de terras ou territórios e outras bênçãos (Gênesis 12: 7; 13: 14-17; 15:18).

Essas promessas físicas foram formalmente transmitidas aos descendentes de Abraão. Primeiro elas foram passadas a Isaque (Gênesis 26:1-4). E, em seguida, a Jacó (Gênesis 28:3-4, 13-14), a quem Deus renomeou para Israel, dizendo-lhe que “uma nação e multidão de nações” procederia dele (Gênesis 35:9-12). Depois foram transmitidas a José e, finalmente, aos dois filhos de José, Efraim e Manassés, que se tornariam, respectivamente, “muitas nações”

e “um grande povo” (Gênesis 48:15-19, Nova Versão Transformadora). Mas, devido à escravidão de Israel e sua posterior desobediência, o cumprimento dessas promessas físicas foi postergado.

Antes que qualquer um dos primeiros descendentes de Abraão herdasse a terra prometida, eles se tornariam escravos no Egito (Êxodo 1:7-11). Israel sofreu muito por causa de sua escravidão, mas Deus ouviu-os. E, por causa de Sua fidelidade, Deus decidiu libertar Israel da escravidão para cumprir Suas promessas a Abraão, Isaque e Jacó de que os descendentes de Abraão seriam fisicamente abençoados e que se tornariam em um grande povo na Terra (Êxodo 2:23-25; 6: 7-8; 13: 5; Deuteronômio 9:4-6).

Em seguida, vemos as promessas de bênçãos físicas sendo oferecidas à nação de Israel depois de sua saída do Egito. Mas somente receberiam essas bênçãos se obedecessem a Deus e permanecessem fiéis à Sua aliança com eles. Se eles não obedecessem aos termos da aliança, essas bênçãos seriam postergadas e, em seu lugar, viriam maldições (Êxodo 19: 5-6; Levítico 26:3-39; Deuteronômio 28:1-68).

Por causa dos flagrantes pecados de Israel e Judá—a nação de Israel foi dividida em dois reinos—e essas bênçãos continuaram sendo postergadas. Houve apenas breves períodos de grandeza durante o governo de alguns reis justos. Mas, por causa de Sua fidelidade, Deus finalmente abençoaria os descendentes de Abraão com a grandeza prometida.

E parte dessa punição pelos pecados de Israel se cumpriu quando foram enviados ao cativeiro. Muitos judeus do reino do sul, Judá, que foram deportados para a Babilônia, mais tarde retornaram à terra da Judéia. Porém, os israelitas do reino do norte, Israel, que foram deportados para a Assíria, não voltaram a se estabelecer em sua antiga terra natal. Eles se tornaram o que agora se conhece como as “dez tribos perdidas” de Israel. Ao longo do tempo, essas pessoas migraram para o noroeste da Europa.

Os descendentes de Efraim e Manassés receberam a bênção de ascensão à grandeza nacional. Efraim tornou-se uma comunidade de nações (Grã-Bretanha e os povos da Comunidade Britânica de ascendência britânica, como Canadá, Austrália e Nova Zelândia), e Manassés tornou-se uma grande nação (Estados Unidos da América). Principalmente, através desses povos é que as profecias bíblicas acerca de Israel estão sendo cumpridas (Gênesis 48:16; 49:22-26).

Entretanto, hoje em dia, as tribos de Israel também existem em outras nações do noroeste da Europa. O povo judeu da atualidade é descendente do antigo povo do reino de Judá—o que significa que, embora os judeus sejam israelitas, nem todos os israelitas são judeus.

Deus pretendia que Israel fosse uma nação modelo de obediência a Ele para que outros povos vissem e desejassem imitá-los (Deuteronômio 4:5-8). Ele deu Suas leis e alianças a esse povo, mas não tinham um coração disposto a seguir obedecendo (Deuteronômio 5:29), eles fracassaram em ser esse exemplo e por isso foram punidos.

E, mais uma vez, haverá um severo julgamento e será um “tempo de angústia para Jacó” (Jeremias 30:7) quando, pouco antes do retorno de Cristo, muitas profecias do tempo do fim sobre os modernos descendentes de Israel serão cumpridas. (Ver capítulo intitulado “O Retorno de Jesus Cristo e o Reino Vindouro”, começando na página 61). Uma grande lição sobre a nação de Israel é que, apesar de terem recebido tantas coisas, eles não vão realmente ser bem sucedidos a não ser que recebam algo extremamente necessário—os meios para uma verdadeira transformação espiritual de caráter.

E nas promessas a Abraão também há uma importantíssima promessa espiritual de salvação para todos os homens que se tornariam a “semente” de Abraão (seus descendentes). Por meio de Abraão, todas as famílias da Terra teriam acesso às bênçãos de Deus (Gênesis 12:3). Deus confirmou as promessas a Abraão porque ele obedeceu aos Seus mandamentos (Gênesis 22:18; 26:5).

O apóstolo Paulo entendeu que a salvação não era apenas para judeus ou israelitas, mas para toda a humanidade. Ele explicou que a “Semente” a quem as promessas se referiam era Jesus Cristo, e que todos deveriam se tornar um nEle (Gálatas 3:8, 14-16, 26-29).

Quando nasceu seu filho João Batista, o sacerdote Zacarias profetizou que Deus se lembraria do juramento que fez a Abraão (Lucas 1:69-72). Paulo registra que Jesus Cristo veio para confirmar as promessas feitas aos pais (Romanos 15:8). A promessa da salvação vem de Deus, através do Espírito Santo, como parte da Nova Aliança disponibilizada a nós pela morte e ressurreição de Cristo.

O Espírito Santo é a chave para as “melhores promessas” que se enquadram na “nova” e “superior aliança” que foi estabelecida nessas melhores promessas (Hebreus 8:6, ARA). Isso tornaria possível a obediência para que Israel e todos os outros povos que se unissem a Israel por meio dela pudessem ser a nação modelo almejada por Deus.

Os apóstolos foram instruídos a esperar em Jerusalém por essa promessa (Atos 1:4, 8). Eles esperaram para receber o selo do Espírito Santo dessa “promessa superior”, que era a garantia de sua herança (Efésios 1:13-14). Através do Espírito de Deus é que podemos saber que somos filhos de Deus e que estamos em Cristo (Romanos 8:9, 14-17), sendo, portanto, sementes (espirituais) de Abraão e herdeiros da salvação de acordo com a promessa (Gálatas 3:28).

Essa promessa não se baseia na etnia, mas no chamado de Deus e no arrependimento individual, independentemente da raça ou da origem nacional. Dessa maneira, pela fé, todos podem ser chamados de “Israel de Deus” (Gálatas 6:16). (Ver capítulo intitulado “A Igreja”, começando na página 49).

Quando Jesus Cristo voltar e estabelecer Sua Nova Aliança com Israel e Judá (Jeremias 31:31)—a aliança que agora a Igreja de Deus é precursora— a nação física de Israel finalmente poderá servir como o modelo pretendido

por Deus (Zacarias 8:23; Jeremias 31:1; Romanos 11:12)—após ter sido transformado em Israel espiritual e levando o mundo inteiro ao mesmo relacionamento de amor e salvação com Deus.

(Para mais informações, baixe ou solicite nossos guias de estudo bíblicos gratuitos *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica* e *A Nova Aliança: A Lei de Deus Foi Abolida?*).

O Propósito de Deus Para a Humanidade

Cremos que o propósito de Deus para a humanidade é preparar aqueles que Ele chama – aqueles que decidirem viver uma vida de superação do pecado, desenvolver um caráter justo e crescer na graça e no conhecimento — para fazer parte do Reino de Deus e se tornar reis e sacerdotes, reinando com Cristo, após Seu retorno. Cremos que a razão da existência humana é nascer literalmente como seres espirituais na família de Deus (Romanos 6:15-16; 8:14-17, 30; Atos 2:39; 2 Pedro 3:18; Apocalipse 3:5; 5:10).

O propósito da existência do homem está declarado em toda a Bíblia. No princípio, Deus revelou que criou o homem à Sua própria imagem e semelhança (Gênesis 1:26-27)—linguagem que se refere a prole ou filhos (Gênesis 5:1-3)—para compartilhar, sendo-Lhe submisso, Seu domínio ou governo sobre a criação (Gênesis 1:28). (Ver capítulo intitulado “A Humanidade”, começando na página 12).

E, no final da Bíblia, Deus diz: “Quem vencer herdará todas as coisas, e Eu serei Seu Deus, e ele será Meu filho” (Apocalipse 21:7). Mais uma vez, isso se refere ao domínio compartilhado com Deus sobre toda a criação, submetendo-se a Ele como Seus filhos.

Assim, vemos que o destino do homem é fazer parte do Reino e da família de Deus. E aqui nessa última passagem, como em toda a Bíblia, somos informados de que o homem somente pode alcançar esse destino através de um processo de superação.

O desejo de Deus é que nenhum ser humano pereça, mas que todos se arrependam para se tornarem membros de Sua família como filhos e filhas em Seu Reino (2 Pedro 3:9; 2 Coríntios 6:18). Como parte desse processo, Deus está chamando agora algumas pessoas para herdarem a vida eterna no retorno de Jesus Cristo à Terra (1 Coríntios 1:26-28; Mateus 20:16; João 6:44, 65), contudo, mais tarde, toda a humanidade será chamada. (Ver capítulos

intitulados “As Festas Santas de Deus”, “A Igreja” e “As Ressurreições e o Julgamento Eterno”, a partir das páginas 34, 49 e 57).

Aqueles que estão sendo escolhidos agora devem aceitar a Cristo como seu Salvador, render-se à vontade de Deus e com Sua ajuda se esforçar para vencer o pecado durante sua vida (Apocalipse 3:21).

Jesus Cristo é chamado de “primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29; ver também versículos 14-17; Apocalipse 1:5-6; Colossenses 1:15-18). Ele veio como ser humano para abrir o caminho para que outros sejam glorificados e herdem todas as coisas. Na verdade, os cristãos são chamados de “herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo” (Romanos 8:17). Entretanto, como explica Hebreus 1 a 2, a humanidade ainda não alcançou seu destino de herdar todas as coisas, somente Jesus, mas Deus está no processo de trazer “muitos filhos à glória” (Hebreus 2:10).

Nesse processo, as pessoas se tornam filhos de Deus ao receber Seu Espírito Santo, que se une ao espírito humano de cada pessoa (Romanos 8:16). Assim, somos “de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível” (1 Pedro 1:23).

Então, nos tornamos “participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4)—assim como uma criança herdam os traços genéticos de seus pais. Através de um processo de desenvolvimento, nos tornamos cada vez mais parecidos em caráter com Deus, enquanto aguardamos a última transformação que envolve nossa própria essência e existência.

O apóstolo Paulo explicou que ao nascer “trouxemos a imagem do terreno [o primeiro homem, Adão], assim traremos também a imagem do celestial [Jesus Cristo]” (1 Coríntios 15:49). E enquanto “o primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão [Cristo], em espírito vivificante” (versículo 45). Então, seremos seres espirituais como Cristo. Na verdade, “carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus” (versículo 50).

O apóstolo João faz uma surpreendente declaração sobre nossa futura ressurreição no retorno de Cristo: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, *seremos semelhantes a Ele*; porque assim como é O veremos” (1 João 3:2).

E Paulo explica ainda que “esperamos ansiosamente...o Senhor Jesus Cristo. Pelo poder que O capacita a colocar todas as coisas debaixo do Seu domínio, Ele transformará os nossos corpos humilhados, para serem semelhantes ao Seu corpo glorioso” (Filipenses 3:20-21, NVI). Ou seja, o corpo espiritual divino de Cristo é o mesmo tipo de corpo que teremos na ressurreição!

Assim como as crianças humanas são do mesmo gênero de seres que seus pais e irmãos, seres *humanos*, nós também seremos o mesmo gênero de seres que Deus Pai e Jesus Cristo—seres *divinos*. Quando João disse que ainda não foi revelado o que seremos, ele quis dizer que agora não podemos entender verdadeiramente o que significa ser como o Pai e Cristo, pois isso está além

da capacidade de nossas mentes humanas limitadas. Contudo, ele entendeu que seríamos como Eles são.

Aliás, Deus foi ainda mais explícito sobre nosso destino no Salmo 82:6, afirmando Seu intuito para os seres humanos: “Vós sois deuses, e vós outros sois todos filhos do Altíssimo”. E Jesus citou essa passagem (ver João 10: 30-36). A verdade é que nosso destino é levar o nome da família de Deus (Efésios 3:14-15). Atualmente, o único Deus—isto é, a única família de Deus—consiste em dois seres divinos: Deus Pai e Jesus Cristo. Mas, Deus pretende expandir essa família divina em bilhões. (Ver capítulo intitulado “Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo”, começando na página 4).

A Igreja de Deus desta era é precursora no cumprimento desse propósito. E, no momento do retorno de Cristo, aqueles que morreram na fé serão ressuscitados e aqueles que estiverem vivos na fé serão transformados.

Ambos os grupos se tornarão seres espirituais divinos e imortais na família de Deus. Então, eles servirão com Cristo na Terra como reis e sacerdotes durante Seu governo milenar, que ocorrerá imediatamente após Sua vinda (Apocalipse 5:10; 20:4). (Ver capítulos intitulados “As Ressurreições e o Julgamento Eterno” e “O Retorno de Jesus Cristo e o Reino Vindouro”, começando nas páginas 57 e 61).

Jesus Cristo tem as funções de *rei* e *sacerdote*. Ele é *Rei dos reis* e *Senhor dos senhores* (Apocalipse 19:15-16). Ele também é nosso *Sumo Sacerdote* (Hebreus 3:1; 4:14-16; 5: 5-6; 6:20; 7:24-28; 8: 1-6; 9:11; 10:12). Assim, como acabamos de ler, esses cristãos transformados, como reis e sacerdotes, vão compartilhar essas responsabilidades de Cristo, servindo sob Sua autoridade para realizar a vontade do Pai.

Aqueles que se tornarem *sacerdotes* no milênio serão responsáveis por ensinar as pessoas a discernir “entre o impuro e o puro”, uma frase que em seu sentido mais amplo diz respeito ao discernimento entre o bem e o mal (ver Ezequiel 22:26; 44:23-24). Como mensageiros de Deus, eles ensinarão a lei de Deus, expressando seu significado e aplicação (Malaquias 2:7-9).

No Antigo Testamento, uma das responsabilidades de um *rei* era escrever as palavras da lei de Deus e lê-las “todos os dias da sua vida” para observá-la cuidadosamente e nunca se afastar delas (Deuteronômio 17:18-20). Aqueles que receberão as funções de reis e sacerdotes no Reino de Deus serão os que permitirem que Deus escreva Suas leis em seus corações e mentes enquanto ainda são seres humanos (ver Hebreus 8:10-11; Jeremias 31:33).

Como reis durante o milênio, eles ensinarão o caminho de vida de Deus aos seres humanos que estiverem vivendo naquela época (Isaías 30:20-21). E vão administrar o governo de Deus nas áreas designadas para eles (ver Mateus 19:27-28; Lucas 19:11-19). Ademais, eles terão autoridade sobre os anjos (1 Coríntios 6:1-3). Entretanto, eles estarão inteiramente sujeitos à vontade de Cristo, assim como o próprio Cristo está inteiramente sujeito à vontade do Pai (João 5:30).

O grande plano de Deus abrange toda a humanidade. O Julgamento do

Grande Trono Branco, descrito em Apocalipse 20:11-13, é o período em que todos os seres humanos que morreram sem nunca entenderem esse grande plano serão ressuscitados e receberão a revelação de seu verdadeiro destino. O plano de Deus é abrangente. Toda a humanidade desfrutará da oportunidade de aprender Sua verdade e de se arrepender. (Novamente, ver capítulos intitulados “As Festas Santas de Deus” e “As Ressurreições e o Julgamento Eterno”, começando nas páginas 34 e 57).

Isso acontecerá após o milênio, quando a grande maioria dos seres humanos será ressuscitada dentre os mortos para receber sua oportunidade de salvação. Todo aquele que se arrepender e aceitar a Cristo como Seu Salvador vai receber o dom da vida eterna na família de Deus, alcançando, enfim, seu destino almejado por Deus.

Sob um novo céu e uma nova terra transformados, a cidade celestial de Deus, a Nova Jerusalém, finalmente descenderá para a Terra com Deus Pai. E aqueles que se arrependeram e o serviram fielmente, depois de transformados em seres espirituais glorificados, habitarão com Ele e com Cristo para sempre em perfeita paz e felicidade—não haverá mais sofrimento ou morte (Apocalipse 21:1-4). (Novamente, ver capítulo intitulado “O Retorno de Jesus Cristo e o Reino Vindouro”, começando na página 61).

Como já mencionado, aqueles que serão glorificados herdarão de Deus “todas as coisas”—compartilhando o domínio e governando não apenas a Terra, mas todo o universo e o reino espiritual. Este incrível aspecto do destino do homem foi predito por Moisés no início do Antigo Testamento quando ele declarou que “o sol, e a lua, e as estrelas, todo o exército dos céus... o SENHOR, Teu Deus, repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus” (Deuteronômio 4:19).

Então, esse é o propósito para o qual a humanidade foi criada—compartilhar o nível divino de existência de Deus para sempre como Sua família amorosa e feliz, e exercer domínio junto com Ele e governar todo o vasto reino criado. Esse destino é tão transcendental que mal podemos compreendê-lo!

(Para mais informações, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *Por Que Você Nasceu?*).

A Igreja

Cremos que a Igreja é o corpo de crentes que recebeu o Espírito Santo e por ele estão sendo guiados. A verdadeira Igreja de Deus é um organismo espiritual. O seu nome bíblico é “a Igreja de Deus”. Cremos que a missão da Igreja é pregar o evangelho (as boas novas) do vindouro Reino de Deus a todas as nações como testemunho e ajudar na reconciliação com Deus as pessoas que estão sendo chamadas agora. Cremos que também é missão

da Igreja de Deus fortalecer, edificar e nutrir os filhos de Deus no amor e na admoestação de nosso Senhor Jesus Cristo (Atos 2:38-39, 47; 20:28; Romanos 8:14; 14:19; Efésios 1:22-23; 3:14; 4:11-16; 1 Coríntios 1:2; 10:32; 11:16, 22; 12:27; 14:26; 15:9; 2 Coríntios 1:1-2; 5:18-20; Gálatas 1:13; 1 Tessalonicenses 2:14; 2 Tessalonicenses 1:4; 1 Timóteo 3:5, 15; Marcos 16:15; Mateus 24:14; 28:18-20; João 6:44, 65; 17:11, 16).

A Igreja de Deus do Novo Testamento começou no dia de Pentecostes, após a ascensão de Jesus Cristo ao céu. Deus derramou Seu Espírito sobre os discípulos reunidos naquele dia em obediência à ordem de Cristo de permanecer em Jerusalém (Lucas 24:49; Atos 2:1-4; 5:32). E, nos dias que se seguiram, Deus acrescentava “à igreja aqueles que se haviam de salvar” (Atos 2:47).

A palavra *igreja* é usada para traduzir a palavra grega *ekklesia*. Na época da redação do Novo Testamento, *ekklesia* era uma palavra comum para reuniões cívicas, formada a partir da forma substantiva do verbo *kaleo* (que significa “chamar”) e do prefixo *ek* (que significa “para fora de”). Do termo *kaleo* também advêm as palavras *klesis* (“chamado”) e *kletos* (“convidado”).

Portanto, a palavra composta *ekklesia* significa um corpo de pessoas “convocadas” para reunir-se, assim como a antiga Israel foi chamada do Egito para se reunir diante de Deus como “a congregação [*ekklesia*] no deserto” (Atos 7:38). A palavra *ekklesia* foi usada na tradução grega da Septuaginta do Antigo Testamento em muitas citações do termo hebraico *kahal*, geralmente traduzido como “assembleia” ou “congregação” nas Bíblias em português.

Em na primeira ocorrência da palavra *ekklesia* no Novo Testamento, Jesus fez esta promessa durante Seu ministério: “Edificarei a Minha igreja” (Mateus 16:18) ou “Estarei edificando a Minha assembleia” (Bíblia de Estudos LTT). Ele estava se referindo ao estabelecimento de uma reunião de pessoas convocada e que compartilhavam uma identidade comum.

Aqui o aspecto da palavra *chamado* é vital. Em 1 Coríntios 1:2, o apóstolo Paulo se refere à “igreja [*ekklesia*, ou chamados para fora] de Deus...chamados [*kletos*] santos [santificados—aqueles separados]”. Esse chamado especial de Deus e a presença do Espírito Santo na mente daqueles que atendem a esse chamado é que identificam a Igreja de Deus como uma assembleia peculiar de pessoas (Atos 2:38-39; Romanos 8:9, 28-30; 1 Coríntios 1:9; 2:12-13; Efésios 4:3-6).

Ao se referir a esse chamado, Jesus disse: “Ninguém pode vir a Mim, se o Pai, que Me enviou, o não trouxe; e Eu o ressuscitarei no último dia” (João 6:44) e a menos que tenha sido concedido pelo Pai (versículo 65). Portanto, ninguém pode se tornar parte da Igreja por conta própria, como um ato unilateral. Pelo contrário, Deus inicia e guia esse processo, levando a pessoa ao arrependimento e ao batismo para remissão dos pecados e dando-lhe

o dom do Espírito Santo (Atos 2:38), através do qual uma pessoa se torna membro da Igreja.

Como é a presença constante do Espírito de Deus que identifica e unifica o povo de Deus (1 Coríntios 12:12-13), a Igreja é um *organismo espiritual*. Figurativamente, seus membros são “pedras vivas...edificados casa espiritual” (1 Pedro 2:5). Deus Pai e Jesus Cristo vivem nessa “casa” de crentes através do Espírito Santo (João 14:23; 1 João 3:24).

Semelhantemente, Efésios 2:19-22 descreve a Igreja como um “templo santo...edificados para morada de Deus no Espírito”. O corpo físico de cada membro também é chamado de “templo do Espírito Santo” (1 Coríntios 6:19).

O simbolismo de um *organismo espiritual* unificado se encontra bem destacado no fato de que Jesus Cristo é referido como a Cabeça viva da Igreja, descrita como “o corpo de Cristo” (1 Coríntios 12:27; Efésios 1:22-23; 4:12; Colossenses 1:18).

A Bíblia se refere a todo o Corpo de Cristo ou a uma congregação individual com o nome que a maioria das versões da Bíblia traduz como “a igreja de Deus” e, quando há mais de uma congregação, como “as igrejas de Deus” (plural). Em doze passagens do Novo Testamento, o nome da Igreja ocorre com a distinção “de Deus” (por exemplo, Atos 20:28; 1 Coríntios 10:32; 11:22; 15:9; 1 Timóteo 3:5). Isso está de acordo com a oração de Jesus na noite que antecedeu a Sua morte: “Pai santo, guarda em Teu nome aqueles que Me deste” (João 17:11).

Ademais, pelo fato de a Igreja ser o Corpo *de Cristo* e Ele ter se referido a ela como “*Minha* igreja”, nós também vemos a descrição “igrejas de Cristo” (Romanos 16:16). Ainda assim, “a igreja de Deus” é o nome comum. E também vemos nomes de lugares usados para se referir a congregações específicas. Por exemplo, lemos sobre a “igreja de Deus que está em Corinto” (1 Coríntios 1:2; 2 Coríntios 1:1), a “igreja que está em Cencréia” (Romanos 16:1) e as “igrejas da Galácia” (Gálatas 1:2). Novamente, a referência diz respeito a uma reunião dos chamados.

Desde o início, Deus decidiu chamar Seu povo desta era: “Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho...E aos que predestinou, a esses também chamou” (Romanos 8:29-30).

O objetivo é que eles sejam as “primícias” de Deus na “colheita” espiritual da humanidade—a primeira colheita de pessoas para a família de Deus antes de trazer o resto da humanidade para esse relacionamento após o retorno de Cristo (comparar Mateus 9:37-38; João 4:35; Romanos 8:23; Tiago 1:18). (Ver capítulos intitulados “As Festas Santas de Deus” e “As Ressurreições e o Julgamento Eterno”, começando nas páginas 34 e 57).

Os fiéis patriarcas e profetas do Antigo Testamento estão entre essas primícias na formação da Igreja como templo espiritual de Deus—“edificados sobre o fundamento dos apóstolos [do Novo Testamento] e dos profetas

[do Velho Testamento], de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina” (Efésios 2:20).

Existem muitos paralelos entre a nação de Israel no Antigo Testamento e a Igreja de Deus do Novo Testamento. Os israelitas foram considerados primícias, mas desobedeceram a Deus (Oséias 9:10). Israel foi o “primogênito” de Deus (Êxodo 4:22). E a Igreja do Novo Testamento é a “universal assembleia e igreja dos primogênitos” (Hebreus 12:23).

Como mencionado, a princípio, Israel foi a *ekklesia* de Deus (congregação ou igreja dos chamados) no deserto (Atos 7:38). A nação deveria ser um “tesouro pessoal” para Deus, “um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Êxodo 19:5-6, NVI). E agora para Deus a Igreja é “a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido” (1 Pedro 2:9).

Em Romanos 11, Paulo explicou que, apesar da desobediência de toda a nação, sempre haveria um remanescente fiel de Israel—e que os israelitas que se arrependessem, junto com os gentios (não israelitas), poderiam ser enxertados em Israel. Ele disse aos gentios que se converteram ao cristianismo: “Se sois de Cristo, então, sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa” (Gálatas 3:29).

E, em Romanos 2:25-29, ele explicou que ser considerado judeu é uma questão de obediência através de um coração reto no Espírito: “Judeu é aquele que o é interiormente”. Ele também se referia à Igreja como “Israel de Deus” (Gálatas 6:16).

Assim, a Igreja é a Israel espiritual. E algumas referências proféticas a Israel, Jerusalém e Sião se aplicam à Igreja. Esta não é uma teologia substitutiva, que alega que todas as profecias e promessas a Israel são cumpridas na Igreja. Pois está evidente que descendentes físicos de Israel ainda têm um papel a desempenhar. As promessas e as profecias sobre aquela nação ainda se aplicam a eles. (Ver capítulo intitulado “As Promessas da Aliança Abraâmica”, começando na página 43). Em vez disso, a Igreja é precursora no relacionamento da aliança que Deus prometeu a Israel.

A nação de Israel violou a antiga aliança de Deus, portanto, a lição é que mesmo uma nação sendo abençoada com abundância e melhores leis e até a visível presença interventora de Deus não seriam suficientes para que houvesse uma obediência constante a Ele. Pois, isso somente seria possível através de uma mudança de coração.

Então, Deus disse que faria uma “nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá” (Jeremias 31:31, ARA; Hebreus 10:16-17)—uma aliança em que haveria perdão dos pecados e obediência leal e constante à lei de Deus, que seria escrita no coração das pessoas (cumprida pela morada do Espírito Santo nelas).

Essa aliança teve início com a Igreja. Na verdade, ela é uma aliança de casamento (ver Jeremias 31:32). A Igreja está noiva com Cristo e ela se casará espiritualmente com Cristo no momento de Seu retorno—esse

relacionamento espiritual é o modelo para o casamento humano (Efésios 5:22-33; 2 Coríntios 11:2; Apocalipse 19:7, 9).

E, em preparação para essa época, Deus nos chamou para sair dos males deste mundo (João 17:15-16) e nos diferencia pela verdade de Sua Palavra (versículo 17). Jesus também comissionou diretamente Seus discípulos a proclamar o evangelho, ou boas novas, do Reino de Deus ao mundo como um testemunho (Marcos 16:15; Mateus 24:14). Ele também lhes disse que fizessem discípulos em todas as nações (Mateus 28:19), apascentando o rebanho de Cristo (ver João 21:17) e, seguindo os passos de João Batista, “preparar ao Senhor um povo bem disposto” (Lucas 1:17).

A proclamação do evangelho deve ser acompanhada de um chamado ao arrependimento (Marcos 1:14). Como parte disso, Jesus e Seus discípulos deram o exemplo e advertiram sobre as consequências do pecado—inclusive avisando sobre a futura destruição profetizada sobre as nações e as pessoas.

A obra de pregação da Igreja, juntamente com o testemunho da vida individual dos membros da Igreja, entrega uma poderosa mensagem de esperança e luz para um mundo de trevas (Filipenses 2:15; Mateus 5:14-16). Os membros da Igreja de Deus são transformados pela renovação de suas mentes através do poder do Espírito Santo de Deus (Romanos 12:2).

A Igreja também providencia um refúgio para a comunhão (Atos 2:42; 1 João 1:7), encorajamento (Hebreus 3:13; 10:24) e alimentação espiritual (Efésios 5:29; Colossenses 2:19). Deus entregou dons espirituais a todos os membros para a edificação do corpo (Romanos 12:3-8; 1 Coríntios 12:4-30; Efésios 4:7-8, 11-16). Esses dons devem ser usados com amor (1 Coríntios 13:1-3). O amor de uns pelos outros demonstra que os membros são mesmo discípulos de Jesus Cristo (João 13:34-35).

Como um corpo organizado e uma nação espiritual, os membros da Igreja têm papéis e responsabilidades diferentes. Alguns são colocados em posições de liderança para pregar, ensinar e ajudar aos membros a alcançar seu potencial, promover a unidade e proteger-se contra falsos ensinamentos (ver Efésios 4:11-16). O ministério de Jesus Cristo diz respeito a exercer Sua autoridade espiritual a serviço e benefício do povo de Deus. Cristo disse que “quem governa [deve ser] como quem serve”—seguindo Seu exemplo de servir e dar altruistamente (Lucas 22:26-27).

Parte da responsabilidade do ministério, juntamente com a proclamação do evangelho, é batizar e impor as mãos a novos convertidos para que recebam o Espírito Santo. (Ver capítulo intitulado “O Batismo”, começando na página 28).

E, como parte dessa obra, eles também foram autorizados a, em nome de Jesus, expulsar demônios e impor as mãos sobre os enfermos com óleo de unção, rogando pela cura (Marcos 16:17-18; Tiago 5:13-18). Contudo, embora Deus tenha estabelecido essa autoridade e prática e frequentemente intervenha de acordo com ela, Ele também pode exigir mais condições, como fé, arrependimento, obediência e persistência na oração.

E mesmo assim, em Sua infinita sabedoria, há ocasiões em que Deus escolhe não intervir no momento ou da maneira que pedimos em oração. Ainda assim, confiamos que “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito” (Romanos 8:28, ARA). O dever de todo cristão é “buscar primeiro o reino de Deus e a Sua justiça”, pois todas as suas outras necessidades serão atendidas (Mateus 6:33; ver versículos 25-34). (Ver capítulo intitulado “O Arrependimento e a Fé”, começando na página 25).

E como a fé cristã “uma vez foi dada aos santos” durante o primeiro século (Judas 3), os membros da Igreja são incentivados a se apegar aos ensinamentos e tradições de Jesus Cristo e dos apóstolos, conforme encontrados nas Escrituras (2 Tessalonicenses 2:15). Entretanto, eles também foram advertidos contra falsos mestres, que proclamam um evangelho e uma representação diferentes de Jesus (2 Pedro 2:1; Gálatas 1:6-9; 2 Coríntios 11:4).

Paulo alertou que a apostasia surgiria na Igreja e levaria algumas pessoas ao erro (Atos 20:29-31). E ele escreveu sobre um “mistério da injustiça [que já] opera” (2 Tessalonicenses 2:7). Historicamente, a Igreja apostólica original, que cumpria estreitamente à lei de Deus, desapareceu do cenário quando um grande e falso cristianismo ganhou destaque. Hoje em dia, grande parte das chamadas religiões cristãs está repleta de ensinamentos e práticas advindas de antigas religiões e filosofias pagãs. Esse é um aspecto importante do que a Bíblia chama de “mistério, a grande Babilônia” (Apocalipse 17:5).

Apesar de quase sempre ter poucos adeptos e sofrer muitas perseguições, o verdadeiro cristianismo nunca desapareceu. Jesus prometeu que Sua Igreja nunca morreria (Mateus 16:18) e que nunca nos deixaria ou nos abandonaria (Hebreus 13:5). Ele prometeu estar com Seu povo “até à consumação dos séculos” (Mateus 28:19-20), capacitando-os a realizar Sua obra. Cremos que na Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, continuamos com essa mesma tradição.

Quando Cristo retornar à Terra para estabelecer o Reino de Deus sobre todas as nações, as pessoas chamadas a Sua Igreja serão glorificadas e aperfeiçoadas através da ressurreição e transformação instantânea para governar com Ele (Apocalipse 2:26; 3:21; 5:10; Daniel 7:22, 26-27), tornando-se mestres e juizes sobre homens e até anjos (1 Coríntios 6:1-3). (Ver capítulo intitulado “O Propósito de Deus Para a Humanidade”, começando na página 46).

(Para mais informações, baixe ou solicite nossos guias de estudo bíblicos gratuitos *A Igreja Que Jesus Edificou, Esta é a Igreja de Deus Unida* e *O Livro de Apocalipse Revelado*).

O Dízimo

Cremos no dízimo como uma forma de honrar a Deus com os nossos bens e como um meio de servi-Lo na pregação do evangelho, na assistência à Igreja, na observância das festas e no auxílio aos necessitados (Provérbios 3:9-10; Gênesis 14:17-20; 1 Coríntios 9:7-14; Números 18:21; Deuteronômio 14:22-29).

A palavra *dízimo* significa “dar ou receber o décimo de algo”. As Escrituras referem-se a dar um décimo de “todo o fruto” (Deuteronômio 14:22, ARA) derivado da produção, da propriedade ou da renda da pessoa para apoiar um propósito religioso. A motivação para o dízimo é o reconhecimento de Deus ser o Criador e Possuidor de todo o universo e tudo há nele, inclusive nós mesmos.

Embora o dízimo tenha se tornado uma lei codificada ou escrita sob a aliança que Deus fez com a antiga Israel no Monte Sinai, historicamente, ela era praticada entre aqueles que eram fiéis a Deus antes dessa aliança. Abraão, depois de derrotar uma coalizão de reis que sequestraram seu sobrinho, deu o dízimo dos despojos da guerra a Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo (Gênesis 14:18-22).

Obviamente, Abraão entendia que dar o dízimo era a maneira apropriada de honrar a Deus com suas posses materiais. Também é digno de nota o fato de Abraão ter dado o dízimo a Melquisedeque, um representante do Deus Criador. (Na verdade, esse mesmo Melquisedeque era o Verbo divino que depois nasceu encarnado como Jesus Cristo, como mostrado em Hebreus 7:1-3).

Abraão reconheceu esse princípio básico de dar um dízimo a Deus, pois Ele é o verdadeiro “Possuidor dos céus e da terra” que tornou possível a vitória dele e todas aquelas bênçãos.

Em toda a Bíblia, Deus nos lembra disso e, respeitosamente, o povo de Deus reconhece que tudo pertence a Ele (Êxodo 19:5; Jó 41:11; Salmos 24:1; 50:12; Ageu 2:8). “Antes, te lembrarás do SENHOR, Teu Deus”, disse Moisés a Israel, pois “Ele o que te dá força para adquirires riquezas” (Deuteronômio 8:18, ARA). Portanto, O dízimo é, antes de tudo, um ato de reconhecimento de que Deus é nossa fonte de existência, bênção e providência.

Jacó também seguiu o exemplo de seu avô Abraão. Quando Deus lhe reconfirmou as promessas que fez a Abraão, Jacó prometeu a Deus: “De tudo quanto me deres, certamente Te darei o dízimo” (Gênesis 28:20-22).

Posteriormente, a prática do dízimo foi incorporada à aliança com Israel como uma lei escrita. A tribo de Levi, que era dedicada ao serviço religioso da nação e não receberia herança de terras para seu sustento (Números 18:23), deveria receber o dízimo dos produtos agrícolas de Israel em troca de

seu serviço. Por sua vez, os levitas, que recebiam os dízimos do povo, davam o dízimo à família sacerdotal de Arão (versículos 26-28).

Com o passar do tempo, o dízimo foi descuidadamente negligenciado. Após o retorno dos judeus do exílio babilônico, Deus repreendeu veementemente a nação por causa dessa negligência (Malaquias 3:8-10, ACF). Deus disse que deixar de pagar o dízimo era o mesmo que roubar a Ele e assim o povo seria amaldiçoado. Contudo, Ele também prometeu que a obediência no pagamento do dízimo resultaria em bênçãos divinas tão abundantes que não haveria “lugar suficiente para a recolherdes”.

Na verdade, Deus disse aqui que as pessoas estavam roubando “dízimos e ofertas”—demonstrando assim que se esperava que dessem ofertas além do dízimo, cuja quantia era definida individualmente. As ofertas podiam ser feitas a qualquer momento, mas eram especificamente exigidas durante as festas santas de Deus, quando cada um deveria dar o que podia, segundo as bênçãos que havia recebido de Deus (Deuteronômio 16:16-17).

Muitos séculos depois, o próprio Jesus ratificou abertamente essa prática do dízimo, afirmando: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; *deveis, porém, fazer essas coisas e não omitir aquelas*” (Mateus 23:23).

Em vez de abolir a prática do dízimo, Jesus confirmou, de forma clara e direta, que o dízimo deveria ser praticado independente do montante da renda da pessoa, e que isso deveria ser feito de forma sincera sem prejuízo das outras coisas importantes, que, obviamente, eles estavam negligenciando.

Assim como o dízimo e as ofertas em Israel eram entregues à tribo de Levi, para seu sustento e serviço a Deus, a Igreja do primeiro século dava apoio financeiro aos ministros de Cristo para que realizassem Sua obra. Exemplos e princípios acerca a essa prática são encontrados em diversas passagens bíblicas (ver Lucas 10:1, 7-8; 1 Coríntios 9:7-14; 2 Coríntios 11:7-9; Filipenses 4:14-18; Hebreus 7).

Em Deuteronômio 14, vemos a necessidade da prática do dízimo para outros dois propósitos—ter os meios para participar e celebrar as festas de Deus (versículos 22-27) e cuidar dos pobres e necessitados (versículos 28-29). Cremos na observância das festas de Deus (listadas em Levítico 23) e também cremos na assistência aos pobres e necessitados, por isso reconhecemos a continuidade do dízimo quanto a essas finalidades.

A Igreja de Deus Unida ensina que o dízimo continua sendo uma lei universal e que a obediência voluntária a ela reflete a natureza altruísta e generosa do nosso Criador e Provedor (2 Coríntios 9:6-8).

Em relação à administração dessa lei, é dever da Igreja ensinar as pessoas a dar o dízimo, mas a obediência é responsabilidade de cada um. O dízimo é uma questão pessoal de fé entre a pessoa e seu Criador.

Ensinamos que qualquer pessoa que se dedique a seguir a Deus deve obedecê-Lo dessa maneira fundamental, mas não é responsabilidade da

Igreja impor e regular o pagamento do dízimo. E devido às complexidades econômicas das sociedades de hoje, a Igreja recebe regularmente muitas perguntas técnicas sobre o dízimo, então procuramos dar sábias orientações administrativas de acordo com a vontade e a direção de Deus.

Em relação à doações voluntárias à parte do dízimo exigido por Deus, devemos nos lembrar que Deus deseja que sejamos generosos com as bênçãos recebidas dEle—estando dispostos a ajudar os outros, contribuindo com a obra de Sua Igreja, proclamando Sua verdade e cuidando das necessidades dos membros. Pois, precisamos ajudar os necessitados de acordo com nossa capacidade. As Escrituras mostram que, além de sustentar adequadamente nossa família e administrar sabiamente nossos recursos, também devemos doar e cuidar das pessoas.

Através dos dízimos e das ofertas espontâneas advindas de doações voluntárias e generosas (2 Coríntios 9:6-8), honramos a Deus e apoiamos os meios físicos para realização de Sua obra de proclamação do evangelho ao mundo e fazer discípulos em todas as nações (Mateus 24:14; 28:19-20). Deus providenciou o sistema financeiro perfeito, que cuida das necessidades de Sua obra, da necessidade pessoal de assistir às Suas festas e da necessidade de cuidar dos pobres.

(Para mais informações, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *O Que a Bíblia Ensina Sobre o Dízimo?*).

As Ressurreições e o Julgamento Eterno

Cremos que a única esperança da vida eterna para os seres humanos mortais está na ressurreição através da presença do Espírito Santo dentro de cada um de nós. Cremos que no regresso de Jesus Cristo todos aqueles que foram servos leais de Deus vão ressuscitar para uma vida espiritual. Cremos que depois de Jesus Cristo reinar na Terra por mil anos, também haverá uma ressurreição para a vida física da grande maioria de todas as pessoas que já viveram. Cremos que, depois que essas pessoas tiverem a oportunidade de viver uma vida física e se converterem, elas também receberão a vida eterna. Ademais, cremos que aqueles que rejeitarem a oferta de salvação de Deus receberão a morte eterna (1 Coríntios 15:19, 42-52; Atos 23:6; João 5:21-29; Romanos 6:23; 8: 10-11; 1 Tessalonicenses 4:16; Ezequiel 37:1-14; Apocalipse 20:4-5, 11-15; João 3:16; Mateus 25:46).

Os ensinamentos sobre a ressurreição dos mortos e o julgamento eterno são duas doutrinas fundamentais do cristianismo que levam à perfeição e à vida eterna (Hebreus 6:1-2). Pois, se não houvesse ressurreição de mortos, Cristo não teria ressuscitado e nossa fé seria em vão (1 Coríntios 15:12-19). O ser humano é mortal, ou seja, não tem imortalidade inerente em si mesmo. Além disso, o homem é incapaz de prover vida eterna para *si mesmo*—portanto, é necessário haver uma ressurreição. Ademais, precisamos entender que Deus é o único Juiz que decide o destino eterno de uma pessoa.

A Bíblia deixa claro que não há consciência na morte (Eclesiastes 9:5, 10; Salmos 6:5). Diversas vezes, a Bíblia compara a morte com o sono (Jó 3:11-17; 14:10-12; Salmos 13:3; Isaías 57:1-2; Daniel 12:2; João 11:11-14; 1 Coríntios 11:30; 15:51; 1 Tessalonicenses 4:14). Nenhuma alma imortal consciente deixa o corpo no momento da morte, seja para habitar em êxtase no céu ou sofrer tormento sem fim no fogo do inferno. (Ver capítulo intitulado “A Humanidade”, começando na página 12). Esses conceitos vêm da falsa religião pagã e do entendimento equivocado das Escrituras.

Em 1 Coríntios 15, vemos que a ressurreição é a esperança de toda a humanidade. A palavra *ressurreição* vem do termo grego *anástasis*, que significa “se levantar” ou “ficar de pé novamente”. Biblicamente, isso se refere à ressurreição dos mortos à vida. As Escrituras ensinam sobre a ressurreição de “todos os que estão nos sepulcros” (João 5:28), mas há uma ordem em que esses mortos serão ressuscitados (1 Coríntios 15:23-24). A Bíblia também revela que alguns serão ressuscitados para a vida eterna e outros serão condenados à morte eterna (Daniel 12:2-3; Apocalipse 20:13-15).

A ressurreição é possível porque Deus tem o poder de dar vida. Deus, Através do Verbo, Aquele se tornou Jesus Cristo, Deus deu vida ao primeiro homem, Adão. Jesus tem esse mesmo poder de dar vida novamente a um ser humano (João 5:21; 6:44, 54). Tanto o Pai como o Filho têm vida em si mesmo (João 5:26).

Esse poder inerente de Deus pode produzir ambos vida física como vida espiritual. Deus tem poder para ressuscitar uma pessoa da sepultura na forma física ou espiritual (1 Coríntios 15:35-38). E, de fato, Deus provou que tem o poder de ressuscitar para a vida física (João 11:43-44; Mateus 27:52-53) e para a vida espiritual (Mateus 28:6-7).

Ademais, a ressurreição é possível porque o próprio Cristo foi ressuscitado (1 Coríntios 15:20-22). A ressurreição dEle, como um Salvador vivente, tornou possível a salvação de todas as pessoas. Portanto, se não fosse pela ressurreição de Cristo, o ser humano estaria morto para sempre (Romanos 5:10; 1 Coríntios 15:26, 55).

O plano de Deus para a salvação da humanidade requer a ressurreição de todos aqueles que estão mortos (João 5:28). O apóstolo João se referiu a *três* ressurreições em Apocalipse 20—uma para a vida eterna (versículos 4-6), outra para a vida física (versículos 11-12) e mais uma para a morte

no lago de fogo (versículos 13-15). (Embora estes últimos versículos não mencionem diretamente uma ressurreição, será necessário ressuscitar, para serem lançados no lago de fogo, todos os pecadores incorrigíveis que rejeitaram a oferta de salvação de Deus). A seguir, vamos analisar cada uma dessas ressurreições.

A *primeira ressurreição* é descrita assim: “...e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos... Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na *primeira ressurreição*; sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com Ele mil anos” (Apocalipse 20:4-6).

Essa ressurreição ocorrerá na segunda vinda de Cristo, quando os mortos justos serão ressuscitados para a imortalidade (1 Coríntios 15:50-52; 1 Tessalonicenses 4:14-17). A “ressurreição da vida” de João 5:29 também é chamada de “uma melhor ressurreição” (Hebreus 11:35), porque diz respeito à imortalidade e ao governo de Cristo durante o milênio.

Então, Cristo “retribuirá a cada um conforme as suas obras” (Mateus 16:27, ARA). Embora a *própria salvação seja um dom gratuito de Deus*, que independe de obras, as obras de uma pessoa demonstram o quanto ela cresceu no caminho de vida de Deus e será um fator determinante a responsabilidade de cada pessoa no Reino de Deus (ver Mateus 25:14-30; Mateus 19:11-27).

A *segunda ressurreição* ocorrerá quando terminar os mil anos de reinado de Cristo e dos santos. “Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram” (Apocalipse 20:5).

Essa ressurreição, também conhecida como ressurreição geral ou Julgamento do Grande Trono Branco (ver versículo 11), é descrita mais detalhadamente no versículo 12: “E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros [os livros da Bíblia, agora abertos para entenderem]. E abriu-se outro livro, que é o da vida [que significa a oportunidade de ser incluídos com os salvos]. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras”. Esses seres humanos serão avaliados no decorrer do tempo—de acordo com a maneira como vivem o que vão aprendendo—e não são condenados imediatamente.

A passagem de João 5:29 chama isso de “ressurreição do juízo” (ARA)—não “de condenação”, como traduzem algumas versões da Bíblia.

Como em todo julgamento há um juiz, aqui o juiz é Cristo: “E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo” (João 5:22). O motivo é porque Jesus experimentou a vida como um ser humano (versículo 27; Hebreus 4:15).

Essa é uma ressurreição de volta à vida física (ver Ezequiel 37:1-14). E incluirá a grande maioria das pessoas que já viveram—pessoas que *nunca conheceram a Deus* e Seu grande propósito para elas. Será um tempo emocionante em que bilhões de pessoas de todos os períodos da história voltarão à vida (Mateus 11:20-24; 12:41-42).

Embora essas pessoas tenham uma segunda vida física nessa ocasião, essa será sua *primeira oportunidade de salvação* e imortalidade gloriosa na família de Deus. Elas terão tempo suficiente para aprender e crescer no caminho de vida de Deus. Na verdade, o plano de Deus inclui a todos. Ele não quer que morramos, mas que todos venham ao arrependimento e à salvação (2 Pedro 3:9; 1 Timóteo 2:4). Contudo, alguns, mesmo com toda compreensão e oportunidade, ainda vão se recusar a obedecer.

A *terceira ressurreição* ocorrerá próximo da conclusão do plano de Deus para a humanidade. Essa será uma ressurreição à vida física de todos aqueles que viveram em eras passadas que, embora plenamente conscientes da verdade e do propósito de Deus, escolheram deliberadamente rejeitar Sua oferta de vida eterna.

Eles serão trazidos de volta para serem merecidamente punidos com a morte no lago de fogo, juntamente com aqueles que não se arrependerem no fim do segundo período da ressurreição. “E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo... que é a segunda morte” (Apocalipse 20:15; 21:8; ver também Hebreus 10:26-29; 2 Pedro 3:10-12).

Porém, esse não será um lugar de tormento em chamas eternas, mas um fogo que futuramente arderá na Terra apenas por um tempo. Como mencionado, nosso Deus amoroso dará a todos a oportunidade de ter a vida eterna, pois deseja que ninguém pereça. Mas, enfim, se as pessoas se recusarem a se arrepender, a punição é a segunda morte—uma destruição total por incineração, assim pondo fim a suas vidas e existência rapidamente e para sempre (Malaquias 4:1, 3; Mateus 10:28; 25:46).

Esse é um julgamento e um castigo eternos—não porque o tormento durará para sempre, mas porque os efeitos dessa punição serão permanentes. Aqueles que morrerem na segunda morte permanecerão para sempre mortos, sem possibilidade de uma ressurreição posterior.

Essas *três ressurreições* revelam a ordem do sublime plano de Deus para toda a humanidade. “E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo” (Hebreus 9:27), isso exige uma ressurreição para todos os que já viveram.

(Para mais informações, baixe ou solicite nossos guias de estudo bíblico gratuitos *O Que Acontece Depois da Morte?*,

O Céu e o Inferno: O que Realmente Ensina a Bíblia? e

As Festas Santas de Deus: O Plano de Deus Para a Humanidade).

O Retorno de Jesus Cristo e o Reino Vindouro

Cremos no regresso pessoal, visível e pré-milenar do Senhor Jesus Cristo para governar todas as nações na Terra como Rei dos reis e para continuar exercendo Seu ofício sacerdotal como Senhor dos senhores. Nessa ocasião, Ele se sentará no trono de Davi. E, durante o Seu reinado de mil anos na Terra, Ele restaurará todas as coisas e estabelecerá o Reino de Deus para sempre (Mateus 24:30, 44; Apocalipse 1:7; 11:15; 19:16; 20:4-6; 1 Tessalonicenses 4:13-16; João 14:3; Isaías 9:7; 40:10-12; Hebreus 7:24; Jeremias 23:5; Lucas 1:32-33; Atos 1:11; 3:21; 15:16; Daniel 7:14, 18, 27).

Há cerca de dois mil anos, Jesus Cristo veio à Terra para carregar os pecados de muitos, “e aparecerá segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam” (Hebreus 9:28, NVI). Nesse tempo, começará o reinado dEle sobre todas as nações com essa impressionante proclamação: “O reino deste mundo agora pertence ao nosso Senhor e ao Seu Cristo; e Ele reinará para todo o sempre” (Apocalipse 11:15, Bíblia Viva).

A futura vinda do Messias, o Cristo, como *Rei dos reis* e *Senhor dos senhores*, é uma verdade atestada frequentemente na Bíblia. Ela foi prometida no Antigo Testamento (Isaías 40:10; Daniel 2:44; Miquéias 1:3) e reafirmada no Novo Testamento (Mateus 24:30; João 14:3; Atos 1:11; Apocalipse 1:7; 19:16).

Cremos que as Escrituras são a Palavra de Deus, por isso cremos piamente no retorno pessoal, visível e pré-milenar do Senhor Jesus Cristo (isto é, imediatamente antes ou no início de Seu profetizado reinado de mil anos).

O retorno de Cristo não acontecerá em segredo, pois todos os que estiverem vivos irão vê-Lo (Mateus 24:30; Apocalipse 1:7). E estrondosos sons sobrenaturais acompanharão esse evento: “Porque o mesmo Senhor descenderá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus” (1 Tessalonicenses 4:16). Os governantes da Terra vão tentar fazer guerra contra Ele, mas serão vencidos rapidamente (Apocalipse 17:14) e, finalmente, haverá paz.

Antes desse evento, o mundo passará por sua pior época de calamidades da história. Jesus disse que haveria “grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais” (Mateus 24:21, ARA). Jeremias 30:7 diz que será uma época difícil para os descendentes de Jacó ou Israel: “Ah! Porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante! E é tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será salvo dela”—ou seja, depois que passar por isso.

A própria Terra será abalada por revoltas catastróficas durante o período do julgamento de Deus sobre toda a humanidade, que é referida em muitas passagens das escrituras como “o dia do SENHOR”. E tudo isso culminará com o retorno e o reinado de Cristo.

E sobre isso, o profeta Zacarias proclama uma mensagem de Deus: “Eis que vem o dia do SENHOR . . . Porque Eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém . . . E o SENHOR sairá e pelejará contra estas nações, como pelejou no dia da batalha. E, naquele dia, estarão os Seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente . . . então, virá o SENHOR, Meu Deus, e todos os santos . . . E o SENHOR será Rei sobre toda a terra” (Zacarias 14:1-5, 9).

Jesus Cristo, aquele que os israelitas conheciam como o Deus do Antigo Testamento (ver João 8:58; 1 Coríntios 10:4), cumprirá essa profecia. (Ver capítulo intitulado “Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo”, começando na página 4).

Em submissão à vontade de Deus Pai, Jesus sentará no trono do rei Davi, Seu ancestral humano, e de Jerusalém governará sobre Israel e todas as nações gentias (Isaías 9:7; Jeremias 3:17; 23: 5; Lucas 1:32; Romanos 15:12), estabelecendo o Reino de Deus como um governo literal e global—“um reino que não será jamais destruído . . . e será estabelecido para sempre” (Daniel 2:44).

Durante os primeiros mil anos desse reinado, Cristo inaugurará “tempos de renovação . . . o tempo da restauração final de todas as coisas” (Atos 3:19, 21, Nova Versão Transformadora). Essa era vindoura, o maravilhoso mundo de amanhã, será um tempo de paz, de equidade, de justiça e de abundância (Amós 9:13-14; Isaías 2:2-4; 11:1-9; Miquéias 4:1-5). O inimigo de Deus e da humanidade, Satanás, o diabo, será banido durante esse tempo (Apocalipse 20:1-3). (Ver capítulo intitulado “Satanás, o Diabo”, começando na página 10).

O governo de Jesus terá o auxílio dos santos—Seus fiéis seguidores de toda a história humana—que serão ressuscitados quando Ele voltar. Então, eles se tornarão em filhos imortais de Deus (1 Coríntios 15:50-53). Eles serão ressuscitados para se encontrar com Cristo nas nuvens (1 Tessalonicenses 4:17) e se unirão a Ele nessa conquista das nações rebeldes da Terra e no estabelecimento do Reino de Deus (Salmos 149: 5-9; Apocalipse 5:10; 20:6). Temos essa certeza de que, sob Cristo, “os santos do Altíssimo receberão o reino e possuirão o reino para todo o sempre e de eternidade em eternidade” (Daniel 7:18).

Após o milênio, Satanás será libertado por um breve período de tempo, para servir como uma importante lição para a humanidade, e depois será banido permanentemente (Apocalipse 20:7-10). E logo após isso, haverá outra ressurreição em que todos os que já viveram terão a oportunidade de ser salvos e receber a vida eterna (versículos 5, 11-12). E depois acontecerá a terminante destruição dos ímpios incorrigíveis, aqueles que se recusaram definitivamente a se arrepender, no lago de fogo (versículos 13-15; 21:8).

(Ver capítulo intitulado “As Ressurreições e o Julgamento Eterno”, começando na página 57).

Por fim, o meio ambiente terrestre será transformado em “um novo céu e uma nova terra” (Apocalipse 21:1) e a gloriosa cidade de Nova Jerusalém descerá do céu para Terra junto com Deus Pai que, finalmente, morará entre Seus filhos, que agora são imortais (versículos 2-3). “E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas” (versículo 4).

Este é o ápice do plano de salvação de Deus, quando Cristo “tiver entregado o Reino a Deus, o Pai . . . Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de Seus pés. Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte” (1 Coríntios 15:24-26). Os filhos imortais de Deus, submissos a Cristo e ao Pai, herdarão “todas as coisas” (Apocalipse 21:7)—todo o universo. (Ver capítulo intitulado “O Propósito de Deus Para a Humanidade”, começando na página 46). E “do incremento deste principado e da paz, não haverá fim” (Isaías 9:7).

Essa é a extraordinária salvação que esperamos—que começará no glorioso retorno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. “Porque, ainda dentro de pouco tempo, Aquele que vem virá e não tardará” (Hebreus 10:37, ARA). Assim como Jesus declara no último capítulo da Bíblia: “E eis que cedo venho, e o Meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra” (Apocalipse 22:12). Exatamente! Jesus Cristo está voltando. O Rei está chegando—em breve! Portanto, como está escrito em Hebreus 10:23, “retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, porque fiel é O que prometeu”.

(Para mais informações, baixe ou solicite nossos guias de estudo bíblicos gratuitos *O Evangelho do Reino de Deus, O Livro de Apocalipse Revelado, Você Pode Entender a Profecia Bíblica e Estamos vivendo no Tempo do Fim?*).

ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)

Igreja de Deus Unida
P O Box 541027
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God
P O Box 705
Watford,
Herts WD19 6FZ
Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 2027
Uberlândia – MG,
CEP 38400-983
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet:

portugues.ucg.org
e-mail: info@ucg.org

Artista de layout em Português: Michelle Vautour

Tradutor: Giovane Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Para Saber Mais . . .

Quem Somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nossas raízes remontam à Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus em todo o mundo, como um testemunho, e também ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Gratuidade: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional de interesse público. Nós o convidamos a solicitar sua inscrição gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se em nosso Curso Bíblico, composto de doze lições, que também é gratuito.

Somos gratos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e doutros colaboradores que, voluntariamente, contribuem para apoiar esta obra. Nós não solicitamos fundos ao público em geral. No entanto, são bem-vindas as contribuições para ajudar-nos compartilhar esta mensagem de esperança com outros. Detalhes bancários para depositar seus dízimos ou ofertas estão na contra-capta da revista A Boa Nova. Nossa contabilidade é auditada anualmente por uma firma independente de auditoria.

Aconselhamento pessoal: Jesus ordenou aos seus seguidores a apascentar Suas ovelhas (João 21:15-17). Para cumprimento dessa instrução, a Igreja de Deus Unida tem congregações ao redor do mundo, onde os crentes reúnem-se para receberem o ensinamento das Escrituras e para se confraternizarem.

A Igreja de Deus Unida empenha-se em entender e praticar o cristianismo do Novo Testamento. Desejamos compartilhar o caminho de vida de Deus com aqueles que, fervorosamente, buscam adorar e seguir o nosso Salvador, Jesus Cristo.

Os nossos ministros estão disponíveis para aconselhamento, para responder a questões e dúvidas sobre a Bíblia. Caso deseje contatar um ministro, ou visitar uma de nossas congregações, sinta-se à vontade para entrar em contato o nosso escritório mais próximo.

Informação adicional: Visite o nosso site portugues.ucg.org para solicitar ou baixar os nossos guias de estudo Bíblicos ou a revista A Boa Nova. Se desejar corresponder-se conosco em português, por favor envie um e-mail para info@ucg.org ou escreva a um dos endereços listados neste guia de estudo Bíblico.